



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



**Relatório Final de Estágio realizado na Escola Básica 2,3/ Secundária Aquilino
Ribeiro**

Relatório final de Estágio realizado na Escola Básica 2,3/Secundária Aquilino Ribeiro,
com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos
Básico e Secundário

Orientador

Professor Doutor António José Mendes Rodrigues

Presidente

Professora Doutora Maria João Figueira Martins, professora auxiliar da Faculdade de
Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais

Professor Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de
Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Professora Doutora Ana Luísa Dias Quitério, professora auxiliar da Faculdade de
Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Ana Margarida Pastor Fernandes Arraios Faria

2019



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



**Relatório final de Estágio realizado na Escola Básica 2,3/Secundária Aquilino
Ribeiro, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física
nos Ensinos Básico e Secundário**

Este relatório foi produzido com base na experiência do estágio pedagógico em educação física desenvolvido na Escola Básica 2,3/Secundária Aquilino Ribeiro sob a supervisão do Doutor António José Rodrigues e do Licenciado José Fernandes Niblett do Passo, no ano letivo 2018/2019

Ana Margarida Pastor Fernandes Arraios Faria

Agradecimentos

A todos os alunos com quem tive o prazer de trabalhar durante este ano letivo de estágio pedagógico. A cada um agradeço por terem contribuído para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Ao professor José Passo, por toda a sabedoria e calma que me transmitiu. Os seus conhecimentos e ensinamentos fizeram-me gostar ainda mais de Educação Física.

Ao professor António Rodrigues, pela paciência, apoio e crítica construtiva de forma a potenciar as minhas capacidades.

Ao meu colega Diogo Rodrigues, colega do núcleo de estágio, pela partilha e pelo trabalho desenvolvido em conjunto durante este ano.

À professora Diana Louro, permitiu-me ficar a conhecer as funções de direção de turma. A sua disponibilidade, partilha e a confiança que depositou em mim, foram muito importantes para ficar a conhecer melhor esta função.

À professora Susana Couto, responsável pelo núcleo de Desporto Escolar, sempre disponível para responder a dúvidas e a partilhar experiências.

A toda comunidade escolar da escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro, docentes, pessoal não docente, direção e encarregados de educação receberam-me de braços abertos o que fez com que durante este ano letivo me sentisse parte da escola. Aos professores do grupo de Educação Física da escola, agradeço pela paciência para responderem às minhas questões e pelos ensinamentos partilhados.

À família, país e irmãos, por sempre acreditarem em mim, por me apoiarem incondicionalmente e por me proporcionarem esta aventura.

Aos colegas de mestrado pelo trabalho desenvolvido e apoio. Agradeço a ex-estagiários pela partilha de experiências e aprendizagens. E aos amigos por apoiarem e estarem sempre presentes.

Obrigada a todos!

Resumo

Este relatório tem como objetivo fazer uma reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas no estágio pedagógico em Educação Física, na Escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro no ano letivo de 2018/2019. O estágio pedagógico caracteriza-se por ser um momento de formação onde existe uma integração do professor estagiário na docência. O professor estagiário tem a possibilidade de experimentar as várias funções relacionadas com a profissão: a lecionação de aulas de Educação Física, trabalho de investigação, acompanhamento de um núcleo de desporto escolar e acompanhamento do trabalho efetuado por um Diretor de Turma.

Pretendo ao longo do relatório dar a conhecer a experiência adquirida ao longo do ano, as dificuldades sentidas em cada área de intervenção, as estratégias usadas e ainda que contribuições tiveram para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

O balanço no final que faço desta experiência é claramente positivo, com um desenvolvimento contínuo ao longo do tempo das minhas competências nos vários papéis que a função abrange. A observação, o estudo contínuo e autónomo, a autorreflexão e a reflexão em grupo tiveram um papel fundamental na aprendizagem e desenvolvimento da função de docente. No entanto este processo deverá estar sempre aberto e em construção, pois o professor deve estar sempre atualizado e ter a capacidade de se adaptar a novas realidades para que o sucesso escolar dos alunos seja efetivo.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico; Educação Física; Reflexão Crítica; Desenvolvimento profissional e pessoal.

Abstract

This report aims to make a critical reflection on the practices developed in the student teaching process in Physical Education, in the *EB 2,3 / S Aquilino Ribeiro* School in the academic year of 2018/2019. The *practicum* is characterized by being a moment of training where there is an integration as a teacher in a school. The student teacher has the possibility to experiment with the different functions related to the profession: teaching Physical Education classes, research work, monitoring a school sports and monitoring and help the work done by a class director.

Throughout the report, I intend to make known the experience acquired during the year, the difficulties experienced in each area of intervention, the strategies used and even the contributions that have been made for my professional and personal development.

The balance at the end of this experience is clearly positive, with a continuous development over time of my competencies in the different functions that this profession covers. The observation, a continuous and autonomous study, a self-reflection and group reflection, played a fundamental role in learning and developing the functions of teachers. However, this should always be open and under construction process, a teacher must be always update and have the capacity to adjust to new realities in order to success is effective by the students.

Key-words: *Practicum; Physical Education; Critical Reflection; Professional development; Personal development.*

Lista de Abreviaturas

AEC – Atividades Enriquecimento Curricular

AI – Avaliação Inicial

DE – Desporto Escolar

DT – Diretor de Turma

EE – Encarregados de Educação

EF – Educação Física

PAI – Protocolo de Avaliação Inicial

PAT – Plano Anual de Turma

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

Índice

1. Introdução.....	1
2. Contextualização	2
2.1. Caracterização da escola.....	2
2.1.1. Recursos espaciais e materiais para a leção da Educação Física.....	3
2.2. Caracterização do grupo de Educação Física	4
2.3. Caracterização da turma	6
2.3.1. Relação entre alunos	8
2.4. Caracterização do Núcleo de Estágio	9
2.5. A minha formação	10
2.5.1 Socialização antecipatória	10
2.5.2. A primeira experiência na área da docência	11
3. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem	13
3.1. Da avaliação inicial ao plano anual de turma.....	13
3.2. Etapas seguintes	16
3.3. Estratégias de planeamento	18
3.4. Avaliação	19
3.4.1. Avaliação Formativa	20
3.4.2. Avaliação Sumativa	21
3.4.3. Autoavaliação	21
3.5. Condução das aulas	22
3.6. A observação de aulas	24
3.7. Semana a tempo inteiro.....	25
3.8. Contacto com o 1º ciclo	29
4. Investigação e inovação pedagógica	31
5. Participação na escola.....	38
5.1. Desporto Escolar	38
5.2. Ações de intervenção	40
5.2.1. Ação de intervenção - Basquetebol.....	41
5.2.2. Ação de Intervenção - Exploração da Natureza	41
5.3. Atividades Internas	44
6. Relações com a comunidade.....	45
7. Conclusão.....	50
8. Referências Bibliográficas	53

8.1. Documentação consultada	54
8.2. Software	54

1. Introdução

A construção deste relatório surge no âmbito do estágio pedagógico que se insere no 2º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Motricidade Humana da Faculdade de Lisboa. Tem como principal objetivo promover uma reflexão baseada numa análise de todo o processo de formação desenvolvido no âmbito do estágio pedagógico realizado na Escola EB 2,3\S Aquilino Ribeiro.

Este relatório caracteriza-se por ser um documento reflexivo e crítico sobre as atividades de estágio realizadas e tem por base a minha experiência como professora estagiária de Educação Física (EF) adquirida ao longo de todo o ano letivo 2018/2019. Tem, ainda, o intuito de projetar linhas orientadoras para o meu futuro fundamentadas em algumas referências bibliográficas, mostrando, assim, o impacto que o estágio teve e terá no meu processo de formação ao nível do desenvolvimento pessoal e profissional.

O estágio pedagógico, tem entre outros, o objetivo de aproximar o professor estagiário da sua atividade profissional futura, e no caso em análise, define-se em quatro áreas de formação: área um – organização e gestão do ensino e aprendizagem; área dois – inovação e investigação pedagógica; área três – participação na escola; área quatro – relação com a comunidade. Estas áreas, de acordo com os objetivos específicos estabelecidos para cada uma delas, serão alvo de análise e reflexão ao longo deste documento.

O relatório inicia-se com uma caracterização da escola onde realizei o estágio, da turma que acompanhei, do grupo de EF da escola, do núcleo de estágio e ainda caracterização pessoal da minha formação até ao momento. Posteriormente, farei uma reflexão crítica acerca de todo o processo de estágio realizado, de acordo com o que foi estabelecido no plano individual de formação.

Para cada área será feita uma análise do meu desempenho ao longo do ano, dificuldades e potencialidades que senti em relação ao meu desempenho, as estratégias utilizadas para ultrapassar os desafios da função, e os efeitos das mesmas através de uma reflexão crítica no sentido de projetar aquilo que penso poder melhorar.

Na conclusão do relatório serão evidenciadas, de forma sintética, as reflexões e as aprendizagens resultantes deste ano de estágio assim como as dificuldades que mais manifestei e que penso que podem ser equacionadas no meu futuro na atividade docente.

2. Contextualização

2.1. Caracterização da escola

Sediada na freguesia de Porto Salto, concelho de Oeiras, a Escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro é sede do Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro, sendo este constituído pelas seguintes escolas: EB 2,3/ S Aquilino Ribeiro, EB1 de Talaíde, EB1/JI de Porto Salvo e a EB1/JI Pedro Alvares Cabral.

As atividades letivas da Escola Secundária de Porto Salvo, assim designado na altura, tiveram início a 6 de outubro de 1988 nas antigas instalações da Companhia Nacional de Petroquímica, propriedade da Câmara Municipal de Oeiras. No decurso desse ano letivo (janeiro de 1989) transferiram-se alunos, professores e funcionários para os dois primeiros blocos das instalações atuais.

A 10 de outubro de 1991 a escola passou a designar-se Escola Secundária Aquilino Ribeiro, em homenagem ao homem que sempre teve uma ligação aos habitantes de Oeiras e onde se lecionava apenas secundário (10º, 11º e 12º anos). Em 200/2005 a escola foi designada de Escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro, ano em que integrou alunos do 2º e 3º ciclos,

O tipo de construção da escola obedece, ainda hoje, ao modelo estabelecido nos anos 70, caracterizado pela distribuição do espaço escolar por vários pátios e pavilhões que oferecem uma multiplicidade de valências técnicas, científicas e desportivas.

Em 2006/2007 através da integração de estabelecimentos de educação pré-escolar e escolas do 1º ciclo de ensino, a escola passou a agrupamento vertical. Trata-se de um agrupamento com uma grande diversidade de oferta de percursos formativos que visa dar resposta às necessidades da população do meio que se insere, procurando a concretização das seguintes finalidades (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro, 2014-2018):

- Melhoria do ensino e aprendizagem;
- Assiduidade e disciplina;
- Organização e gestão;
- Relação Escola Família/Comunidade.

Resumindo, o Agrupamento de Escolas Aquilino abrange o ensino pré-escolar, o 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico e o ensino secundário, pertencentes à área geográfica do concelho de Oeiras. Este agrupamento assenta em princípios de uma escola inclusiva que procura promover a qualidade e equidade do ensino e das aprendizagens, assente em

valores inerentes à cidadania, à multiculturalidade, à participação diferenciada e ao empreendedorismo.

Este agrupamento de escolas pertence ao grupo de escolas que possui o plano de melhoria TEIP e o desenvolvimento da sua ação estratégica (Documento de Plano de Melhoria TEIP e Ação Estratégica). Os núcleos populacionais que frequentam estas escolas têm desigualdades sociais muito acentuadas. O agrupamento de escolas recebe alunos oriundos também de dois bairros que se situam nas proximidades, o Bairro dos Navegadores e ainda o bairro do Moinho das Rolas que foi construído para realojar habitantes de bairros de lata dispersos pelo concelho de Oeiras. Não posso associar essas desigualdades sociais a problemas de indisciplina, no entanto constatei que essa é uma problemática presente na escola. A escola tem desenvolvido um trabalho contínuo para tentar prevenir e minimizar a indisciplina, pudemos constatar esse esforço na diminuição de processos disciplinares. Relativamente à turma que lecionei (11ºano), não tive qualquer problema a nível disciplinar com os alunos e as desigualdades sociais não interferiram no processo de ensino-aprendizagem.

Esta escola, pelo facto de pertencer a um agrupamento, permitiu-me vivenciar diferentes realidades que enriquecerão a minha formação, no sentido em que poderei conviver com alunos de secundário e com alunos do ensino básico de diferentes níveis socioeconómicos, assim como trocar ideias e experiências com professores que lecionam diferentes níveis de ensino.

2.1.1. Recursos espaciais e materiais para a lecionação da Educação Física

A Escola EB 2,3 Aquilino Ribeiro possui 4 espaços possíveis para a lecionação da disciplina de Educação Física: Pavilhão polidesportivo onde podem ser lecionadas aulas de duas turmas em simultâneo; no exterior onde podem estar igualmente duas turmas a funcionar em simultâneo, o denominado espaço C composto por um campo de andebol e um campo de basquetebol, e o denominado espaço D composto por uma pista com 100 metros, uma caixa de areia e um campo de basquetebol. Existe ainda uma pequena sala de aula que pode ser usada para a lecionação de aulas teóricas para além de uma sala de aula normal. No caso de as condições climatéricas não serem favoráveis à lecionação no exterior existem pequenos espaços pré-definidos no interior do pavilhão que podem ser usados como recurso: nomeadamente o varandim e as bancadas do pavilhão. Esta realidade obrigou-me a ter sempre um conjunto de planos de aulas para estes espaços na eventualidade das condições climatéricas me obrigassem a usar estes espaços.

O Pavilhão é um espaço interior com as dimensões de um campo de andebol, que possui ainda quatro tabelas de basquetebol em dois campos transversais, no entanto sem as marcações oficiais. O pavilhão está ainda preparado para colocar redes e possui ainda marcações no chão para vários campos de badminton. Não possui qualquer marcação no chão para o voleibol, no entanto existe um sistema para se conseguir montar uma rede.

Existe no interior do pavilhão uma arrecadação onde se encontra o material que deve ser usado no interior.

O espaço exterior é um espaço amplo, no entanto nem todas as matérias de Educação Física podem ser lecionadas.

Relativamente ao material disponível para a leção das aulas de Educação Física está separado tendo em conta o local da leção. Existe uma arrecadação com o material a ser usado nas aulas dos espaços exteriores e uma outra arrecadação com o material para ser usado nas aulas no interior. Nesta arrecadação encontramos do material habitual existente numa escola inclusive alguns aparelhos e colchões para a leção da ginástica. A falta de algum material de ginástica é o que pode ser identificado como a principal lacuna para a leção desta matéria, assim como a falta de algumas linhas de marcação para modalidades como o voleibol e basquetebol. O facto de não existirem campos com as dimensões e marcações oficiais para o Voleibol e Basquetebol, foi limitativo no planeamento das aulas para estas matérias, principalmente na fase de jogo, implicou que esta fase fosse feita quase sempre em número reduzido. O pavilhão polidesportivo não possui qualquer meio portátil que sirva para separar as duas partes do campo, esse facto fez com que existissem por vezes perturbações ao normal funcionamento da aula decorrentes por exemplo de bolas a invadirem o espaço da aula.

O conhecimento das características dos espaços e o sistema de rotação dos espaços de leção tiveram de necessariamente ser tidos em conta quando foi feito o planeamento de unidades de ensino e planos de aula.

2.2. Caracterização do grupo de Educação Física

O grupo de EF da Escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro é constituído por nove professores efetivos, um contratado e dois professores estagiários.

O modo de funcionamento da disciplina de EF é assegurado pelo grupo de EF, sempre assente nas regras de conduta expressas no regulamento interno da escola e mais especificamente no regulamento específico da disciplina, onde estão expressas as regras de funcionamento das instalações e os deveres dos professores, alunos e funcionários. Os funcionários assumem um papel importante no controlo das regras de funcionamento da

disciplina. Principalmente regras relativas à utilização das instalações, controlo de bens pessoais dos alunos e encaminhamento dos alunos à direção quando tiverem comportamentos de indisciplina durante a aula de EF.

De forma a permitir que todos os professores e suas respectivas turmas tivessem as mesmas oportunidades de aprendizagem, foi criado um mapa de rotação pelos quatro espaços de EF. Assim, o grupo decidiu que a rotação seria feita quinzenalmente sempre com a preocupação de na mesma semana a turma ter pelo menos uma aula no interior. Considero este aspeto bastante importante pois permite continuidade de trabalho numa mesma matéria, uma vez que a rotação é feita de duas em duas semanas, o planeamento é feito tendo em conta esta realidade tornando a aprendizagem das matérias e a sua consolidação mais efetiva. Permite também que a turma em meses mais chuvosos tenha no mínimo uma aula e/ou duas por semana no interior. Seguindo as orientações dos programas da disciplina que são documentos orientadores de referência para as práticas individuais e coletivas. No entanto para que a sua operacionalização seja possível é necessário que as suas condições de aplicação, quer condições temporais quer de materiais, estejam asseguradas. O propósito da rotação quinzenal dos espaços parece-me que vai ao encontro das orientações para a organização da disciplina.

Todo o trabalho realizado pelos professores do grupo ao longo do ano é orientado tendo por base os seguintes documentos: o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), o Projeto Curricular de EF do agrupamento e ainda Protocolo de Avaliação Inicial construído pelo grupo. Os PNEF sugerem um conjunto de orientações que podem conduzir a uma uniformização das práticas de planeamento e de avaliação dos professores, com o intuito de facilitar a aplicação dos critérios e a sua consequente avaliação.

O grupo de EF é responsável pelo desenvolvimento do Desporto Escolar (DE). Estando este distribuído por vários núcleos. A definição dos professores responsáveis para cada núcleo bem como os respetivos horários são discutidos na primeira reunião realizada pelo grupo disciplinar. Já o modo de funcionamento do DE, também numa outra reunião de grupo estabeleceu-se o plano de desenvolvimento do DE para o ano letivo, seguindo as orientações emanadas pelo coordenador do DE da escola e pela coordenação nacional de DE.

Para além disso o grupo de EF é responsável pela organização e concretização de atividades internas. Algumas dessas atividades tem como um dos objetivos selecionar alunos melhor classificados para posterior participação em atividades promovidas no âmbito do Desporto Escolar, como o Corta-Mato, o MegaSprint e o MegaSalto. As outras

atividades desenvolvidas internamente tem por objetivos a participação ativa dos alunos no sentido de consolidarem a matéria em causa, ficarem com mais conhecimento sobre as matérias, terem oportunidade de ter uma prática competitiva mais formal e estimular a que pratiquem atividade física: torneio 3x3 de basquetebol, torneio de badminton, torneio de andebol e torneio de voleibol.

Realizaram-se um total de 4 reuniões do grupo de EF. As duas primeiras ocorreram no início do ano letivo e contou com os professores estagiários e com os restantes membros do grupo, professores já efetivos na escola. A primeira reunião serviu para dar a conhecer os documentos orientadores da escola, os documentos orientadores da disciplina e as atividades internas e sua calendarização organizadas pelo grupo. A segunda reunião, também realizada na mesma altura teve como ponto único de trabalho o acerto relativamente aos núcleos de desporto escolar e seus horários de funcionamento. Relativamente às outras duas reuniões os temas abordados foram o planeamento e organização de algumas atividades internas.

As atividades já estavam previamente estipuladas de anos anteriores, e não ocorreu nenhuma alteração. Toda a documentação necessária e planeamento das atividades estava arquivada de anos anteriores. Assim para pôr em marcha as atividades foi necessário fazer pequenos ajustes de organização para o próprio dia da atividade. Este facto sugere um compromisso do grupo de EF dentro do próprio grupo assim como um compromisso com a escola. Tendo por base os PNEF, cabe aos grupos de Educação Física de cada escola que exista um compromisso em torno objetivos da disciplina, e que se desenvolvam estratégias que possibilitem a aplicação destes programas. Sabendo que a escola possui alguma autonomia para decidir questões relativas à disciplina os programas nacionais devem ser a base geral que deve ser seguida (Ministério da Educação, 2001). Nesta escola existem documentos orientadores da disciplina que foram construídos tendo por base os programas nacionais de educação física, o projeto curricular de educação física, critérios de avaliação e o protocolo de avaliação inicial (PAI).

2.3. Caracterização da turma

A caracterização da turma B do 11º ano foi feita com base nas informações recolhidas através da ficha de caracterização do aluno, juntamente com o teste sociométrico aplicado a todos os alunos da turma. Os resultados do questionário e do teste sociométrico, assim como a análise dos mesmos, encontram-se detalhadas no estudo de turma realizado no âmbito da área quatro do estágio pedagógico.

Esta turma do curso científico-humanístico de línguas e humanidades inicialmente constituída por 19 alunos, 8 rapazes e 11 raparigas, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, sendo que a média de idades é de 16 anos. No início do 2º período uma das alunas da turma, mudou de turma. Assim durante quase todo o 2º período a turma foi constituída por 18 alunos. Já durante o mês de março entrou para a turma uma nova aluna, voltando então a ser uma turma com 19 alunos, no entanto esta aluna apesar de ir e participar nas aulas esteve na condição de assistente. A aluna já tinha esta disciplina feita, a sua assiduidade não foi regular. Não alterei, nem planeei de forma diferente para esta aluna, apenas tinha a preocupação de a integrar com a turma e em caso de tarefas realiza em grupo inseri-la num grupo do seu nível, que foi identificado nas primeiras aulas em que esteve presente.

Não foram identificados problemas de saúde aos alunos que fossem impeditivos de realizar as aulas de Educação Física, por isso o planeamento não apresentou restrições por motivos de saúde. Uma aluna foi identificada como tendo necessidades educativas especiais, no entanto esta não necessitava que fossem feitas quaisquer adaptações para as suas aprendizagens. Os níveis de participação nas aulas desta aluna durante o 2º e 3º períodos foram baixos.

O comportamento da turma era bom, não apresentando quaisquer problemas a nível de indisciplina.

Relativamente às disciplinas do curso científico-humanístico de Línguas e Humanidades, os alunos elegeram as suas preferidas. Aquelas que obtiveram maior número de escolhas foram a Geografia e a Educação Física (EF). Quanto ao gosto pela EF, apenas um aluno afirmou não gostar da disciplina e uma outra aluna não respondeu. Apesar de apenas um aluno afirmar que não gostava da disciplina de Educação Física, verifiquei por vezes que algumas alunas demonstravam pouco empenho e vontade. Nesse sentido um dos objetivos a que me propus foi o de elevar nos alunos o gosto pelo desporto, pela prática de atividade física e a sua importância para evitar problemas de saúde.

Verifiquei uma grande variedade de escolhas no que toca à ocupação dos tempos livres dos alunos, sendo que as duas categorias que mais se destacaram foram: “ouvir música” e “sair com os amigos”. Alguns alunos referenciam vários tipos prática de atividade física como atividades extracurriculares. Estes alunos demonstraram claramente mais aptidão física e competências nas atividades físicas e desportivas desenvolvidas. Alguns deles serviram muitas vezes como elemento demonstrativo de algumas matérias.

2.3.1. Relação entre alunos

A relação entre alunos, as dinâmicas que se criam no seio da turma podem influenciar as aprendizagens dos mesmos. Numa tentativa de tentar aferir essas dinâmicas usei a sociometria.

A sociometria é a ciência que estuda a relação entre indivíduos de um mesmo grupo, e o teste sociométrico é um instrumento que se usa para medir a organização dos grupos sociais. Este tipo de teste “convida” os indivíduos de um grupo a eleger outros indivíduos do mesmo grupo segundo critérios pré-estabelecidos (Forselledo, 2010).

Assim os alunos tiveram de responder a seis questões no total, tendo em conta três domínios: o social, o académico e o desportivo. Para cada um destes três domínios os alunos tinham de responder por ordem de preferência quais os colegas com quem sentem maior ou menor afinidade. Assim a situações propostas foram as seguintes:

- Domínio Social – com quem gostarias de ir ao cinema?
- Domínio Académico – quem escolherias para fazer um trabalho de grupo?
- Domínio Desportivo – quem escolherias para fazer parte do teu grupo de EF?

Foi realizado o tratamento dos dados recolhidos através de um programa de sociometria, *GroupDynamics*.

Após a análise às respostas dos alunos consegui retirar algumas conclusões acerca das relações interpessoais do grupo.

Verifiquei que alguns alunos fazem diferenciação em relação aos indivíduos que elegem para os diferentes domínios, outros elegem os mesmos indivíduos para os três domínios. Assumem-se assim pequenos subgrupos que se dão mais uns com os outros, mas todos alunos foram perfeitamente integrados nas dinâmicas da turma. Esta análise foi importante no sentido de conhecimento dos alunos e suas dinâmicas com os restantes colegas da turma, para aferir também se era necessário ter preocupações ao nível do planeamento diferenciado e constituição de grupos de trabalho. As dinâmicas verificadas não foram motivo de preocupação nem influencia no planeamento das aulas. Nas aulas de EF a relação dos alunos sempre foi favorável, não sendo notórios quaisquer conflitos entre eles. Quando confrontados para trabalharem em grupo não se verificaram problemas. No geral a turma era participativa na realização dos exercícios, sendo também bastante rápida nas transições e na montagem e desmontagem do material. Relativamente à participação, é importante referir que algumas alunas da turma por vezes demonstraram níveis de participação, motivação e empenho abaixo dos desejados. Estes comportamentos notaram-se mais em determinadas matérias. Tentei sempre criar exercícios e tarefas com

a preocupação que os níveis de motivação estivessem sempre em alta. A preocupação de colocar determinados alunos nos grupos, em algumas matérias, foi também uma estratégia usada para tentar aumentar os níveis de motivação.

Em termos de comportamentos, não tive qualquer aluno ou aluna a apontar por algum tipo de comportamento de indisciplina. A turma era disciplinada, não apresentou comportamentos que perturbassem o funcionamento da aula. Verifiquei por parte de algumas alunas, os níveis de participação em algumas atividades está abaixo do desejado, mas nunca com sentido de perturbar o funcionamento da aula. No último período também se verificaram alguns comportamentos de mais brincadeiras, espelhando pouco empenho por parte de algumas alunas. A aluna com necessidades educativas especiais esteve pouco participativa e pouco presente durante as aulas do segundo período, no entanto melhorou a sua participação no terceiro período. Tentei perceber junto da aluna e de professores do ensino especial que acompanharam mais proximamente esta aluna quais os motivos para esta menor participação. Não foram encontrados motivos claros para esta menor participação. A aluna referia o cansaço e apresentava lesões causadas em funções nos bombeiros como motivo para esta participação mais tímida. Os professores do ensino especial confirmaram que a aluna frequentava um curso nos bombeiros. Tive sempre o cuidado de conversar, de motivar e explicar à aluna os benefícios da atividade física e a importância da sua prática.

2.4. Caracterização do Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio foi composto por quatro elementos, dois professores estagiários e dois professores orientadores, um orientador de escola e um orientador de faculdade.

O meu percurso académico (formação inicial) foi realizado primeiramente numa licenciatura pré-Bolonha na Escola Superior de Rio Maior, na especialidade de Treino Desportivo de Alto Rendimento na especialidade de Basquetebol. Na Faculdade de Motricidade Humana (FMH), inscrevi-me e fui aceite para fazer o Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário no ano letivo 2017/2018.

Não tive muita opção de escolha em relação à escola onde iria realizar o estágio, pois o facto de ainda ter uma disciplina por fazer em exame levou-me para o final da lista juntamente com outro colega. Ficando apenas duas escolas, para escolher tendo eu prioridade sobre o colega. Não conhecia a escola nem nenhum dos professores pertencente ao grupo de EF, mas acabei por me decidir por esta escola por estar numa localização ótima para a minha restante atividade profissional. Constituído o núcleo de

estágio esteve um estagiário que foi meu colega da mesma turma no 1º ano do mestrado, mas com quem não tive qualquer contato a nível de trabalho conjunto. Tendo em conta que o seu percurso académico, também passou antes por outra faculdade, vi logo no colega de estágio vantagens em relação trabalho em grupo, no sentido em que poderíamos trocar ideias e conhecimentos, uma vez que o percurso de licenciatura dele foi diferente do meu. A troca de ideias tornou-se um processo mais rico com diferentes perspetivas, a abordagem e organização, métodos de trabalho diferentes obrigou a mais reflexão crítica, a mais discussão no sentido de chegarmos a consensos em relação a conteúdos e métodos de trabalho.

Considero como riqueza e complemento numa parte fundamental do estágio pedagógico a discussão e reflexão acerca das minhas práticas de lecionação com o meu colega estagiário. O mesmo posso acrescentar em relação às práticas que observava do colega, e do restante grupo de EF. A discussão e opinião sincera sobre vários aspetos que verificávamos durante uma aula, ajudou muito no processo de aprendizagem e desenvolvimento das práticas de lecionação. Também o trabalho conjunto desenvolvido para a área 2 foi organizado com troca de ideias que se revelaram ser produtivas.

O papel dos orientadores foi fundamental para o meu desenvolvimento e evolução enquanto professora, uma vez que com as críticas dos mesmos fui corrigindo e colmatando as minhas falhas tornando-me cada vez melhor, melhorando a qualidade do ensino e consequentemente aumentando as aprendizagens dos meus alunos. Tal como Martins (2014) refere, os professores que se encontram envolvidos em processos de supervisão apresentam maiores e melhores aprendizagens sendo que a natureza da relação que é estabelecida entre o formador e o formando se constitui como basilar neste processo, podendo contribuir para que o mesmo seja norteado por um clima de confiança, expectativa positiva, profissionalismo e cooperação.

2.5. A minha formação

2.5.1 Socialização antecipatória

A socialização antecipatória corresponde à etapa prévia à entrada na vida ativa, na qual têm lugar um conjunto de experiências e aprendizagens relevantes (Caires, 2002), neste caso concreto para a profissão docente. É durante esta etapa que têm lugar a aquisição de atitudes e a formação de modos de desempenho do trabalho, bem como a formação de expectativas em relação ao trabalho, resultando, em parte, dos agentes de socialização que

assumem um papel preponderante nos comportamentos, atitudes e crenças dos indivíduos (Gomes et al, 2014).

No meu caso, o gosto pela prática desportiva sempre esteve presente. Desde cedo, que manifestei gosto pela prática de atividade física. Sempre gostei de praticar várias modalidades desportivas, com especial incidência para os desportos coletivos. Desde muito cedo (6 anos) que na escola passava os intervalos a jogar com os meus colegas.

Apesar do gosto pelo desporto em geral apenas comecei a praticar basquetebol federado aos 14 anos, e com a crescente paixão pela modalidade, surgiu também a vontade de querer aprender mais sobre a mesma e de querer ensinar os mais novos. Desde cedo que soube que gostaria de seguir pela vertente do ensino da EF e para isso comecei o meu percurso com esse objetivo pois para ensinar é necessário não só ter conhecimento do conteúdo, mas também o conhecimento de como transmitir o conteúdo da melhor forma – conhecimento pedagógico do conteúdo (Shulman, 1987).

A juntar a estas boas experiências desportivas, destaco também todas as experiências no âmbito da EF. Tal como se verifica atualmente em muitas escolas do 1º ciclo, eu tive oportunidade de aprender as habilidades motoras fundamentais na escola, pois estudei num colégio particular que valorizava estas aprendizagens. Apesar de ter esse contato também aproveitava ao máximo o recreio para poder fazer aquilo que mais gostava - praticar desporto. Durante o 2º e 3ª ciclo, tive a sorte de ter professores de EF que me incentivaram a praticar algum desporto de forma especializada. Na chegada ao ensino secundário, ingressei pelo curso científico-humanístico de ciências e tecnologias. Não fui para a área do desporto por não ter escolas perto da zona de residência que oferecessem essa área. No entanto sempre soube quais seriam os passos a seguir.

Fui parar à Escola Superior de Desporto de Rio Maior, tirar o curso de Treino Desportivo de Alto Rendimento, na opção de Basquetebol. Passados alguns anos reforcei a minha formação na área do treino. Fiz no ano de 2016 o curso da FPB para adquirir a carteira de treinador de nível III.

2.5.2. A primeira experiência na área da docência

Ao acabar a licenciatura, em Rio Maior, tive a oportunidade de lecionar atividade física e motora a crianças do 1º ciclo através dos programas do estado das AEC. Esta experiência já leva mais de 10 anos, e reforçou a vontade de continuar a minha formação para que

pudesse ser professora de EF noutros ciclos de ensino e por esse motivo, passados alguns anos agora encontro-me a concluir o mestrado em ensino da Educação Física.

A licenciatura que tirei na Escola Superior de Desporto de Rio Maior foi de treino desportivo de alto rendimento, e apenas me permitiu dar aulas de atividade físico-motora a crianças do 1º ciclo. Desde logo tentei aplicar nestas aulas (AEC) uma postura de docente de EF, mas verifiquei que na realidade em alguns aspetos, por exemplo na avaliação, não o permitiam. A minha postura relativamente à condução das aulas e planeamentos sempre foi a de um docente de EF. Apesar de já ter muitos anos de experiência na lecionação para este ciclo de ensino e em várias escolas do primeiro, penso que a frequência neste mestrado me ensinou e abriu a minha mente para uma realidade diferente da vivida até agora. Neste momento, enquanto aspirante a professora de EF, estou a embarcar neste processo de me tornar numa professora mais completa, processo este que tem como objetivo transformar o meu conhecimento e minha paixão pela EF na habilidade de encorajar os alunos a aprenderem e a serem cada vez mais ativos.

Após o primeiro ano de mestrado, um ano com um carácter mais teórico seguiu-se o estágio pedagógico. É uma etapa da formação muito importante. Será nesta etapa que podemos aplicar e colocar em prática o que foi apreendido na formação inicial e que nos deparamos com a realidade da docência e das suas funções inerentes.

No sentido de melhor me preparar para este impacto, as reuniões iniciais com o orientador de escola foram muito importantes para ficar a conhecer a realidade da escola assim como a turma. A construção do plano de formação, com o estudo dos documentos orientadores da escola e documentos orientadores da disciplina de EF tiveram um papel importante para melhor aprendizagem e conhecimento da organização do grupo de educação física, da participação na escola e nas relações com a comunidade. A construção do plano de formação foi muito importante no sentido em que para cada área estavam definidos previamente os objetivos específicos, para cada um deles tive de identificar as atividades a desenvolver para alcançar esses objetivos mediante uma calendarização, que me obrigava a ter em mente os prazos em que estas deveriam ser cumpridas. Para essas atividades tive de identificar as possíveis dificuldades que iria encontrar para a sua concretização e ao mesmo tempo as estratégias de formação que usaria para as minimizar ou colmatar essas dificuldades. Todo este processo obrigou-me ao estudo autónomo, relembrar todas as fases de planeamento, de execução e de avaliação de todas estas ações.

3. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

3.1. Da avaliação inicial ao plano anual de turma

A avaliação inicial (AI) é uma etapa que tem como objetivos “determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respetivo ano, procedendo simultaneamente à revisão/atualização dos resultados obtidos no ano anterior” (Ministério da Educação, 2001, p.31). Assim, é de salientar que esta etapa é um processo de extrema importância, pois deve aferir o grau de conhecimentos, competências e capacidades que o aluno já tem adquirido e permite estabelecer que o que irá ser transmitido aos alunos esteja adequado ao seu nível em cada momento. Permite estabelecer as metas e os objetivos a atingir em cada etapa do processo de ensino aprendizagem adequados ao nível dos alunos. É também uma etapa importante para conhecimento dos alunos e estabelecimento de regras e rotinas de criação de um bom clima de trabalho.

Para que os objetivos da AI fossem cumpridos, antes de iniciar o ano letivo realizei uma calendarização das aulas, de forma a conseguir aferir o nível dos alunos nas matérias assinaladas para o ano de escolaridade em causa. Para a calendarização tive também em conta a distribuição das matérias pelos diferentes espaços, tendo sido selecionadas e planeadas as aulas com as matérias consoante as potencialidades e limitações dos mesmos. Os espaços destinados a cada aula estavam já estabelecidos desde o início do ano letivo, através do sistema de rotação de espaços, por isso pude desde logo fazer a calendarização das aulas.

Na execução do planeamento procurei fazer duas aulas de todas as matérias, de forma a ter mais tempo para avaliar as mesmas e também a dar aos alunos uma segunda oportunidade de demonstrarem as suas competências acerca das mesmas. Normalmente para o planeamento desta etapa tem de se ter em atenção o facto de desconhecer o nível de capacidades no domínio das matérias da turma assim como as potencialidades dos espaços ao meu dispor para a lecionação das aulas. Uma vez que tinha sido professor da turma no ano anterior, o professor orientador de escola teve um papel importante me dar algumas informações sobre o nível de competências que cada aluno, assim como as potencialidades de cada espaço, e nesse sentido o meu planeamento já antecipava um conjunto de aspetos gerais e específicos tendo em conta estes dois fatores.

No entanto o planeamento desta etapa foi por vezes reajustado, pois tive a hipótese de aproveitar melhores condições espaciais ao meu dispor e assim também dar mais oportunidades aos alunos de melhorarem o seu desempenho. Num dia da semana tinha mais espaço para dar aula, e isso permitia ter mais exercícios e mais grupos em

funcionamento. Também as alterações relativas ao espaço foram, no entanto, não no sentido de “trocar” a matéria planeada por outra, mas sim de acrescentar uma matéria à aula (politemática). Durante esta etapa fiquei sem duas aulas, uma por motivos de greve do pessoal não docente e a outra em virtude de os alunos terem participado numa palestra para outra disciplina. Este facto provocou atrasos na realização dos testes físicos do *Fitescolas*. No entanto, consegui enquadrar a realização dos testes no planeamento de aulas seguintes e assim permitiu-me avaliar a zona onde estes se encontravam relativamente à aptidão física.

A interação com a turma, as suas dinâmicas, as características e personalidade dos alunos, o grau de empenho e motivação de cada um para as matérias foram também algumas das dificuldades que senti relativas à turma, mas foram sendo ultrapassadas ao longo do processo de avaliação inicial, tendo reformulado os grupos de trabalho baseando-me tanto nas características da turma e dos alunos como nas características das matérias.

Durante a AI, os alunos foram avaliados nas três áreas de extensão do programa de EF, sendo que, na área das atividades físicas, os alunos foram diagnosticados para cada matérias tendo os níveis estabelecidos nos documentos da escola (projeto curricular e critérios de avaliação) construídos segundo os PNEF, em parte do introdutório (PI), introdutório (I), parte do elementar (PE), elementar (E), parte do avançado (PA) e avançado (A); para a avaliação da aptidão física foram classificados como estando dentro, acima ou abaixo da zona saudável de aptidão física. Esta avaliação foi feita através da realização dos testes *Fitescolas* sendo que a escolha dos testes fica sob a responsabilidade do professor, sendo que os testes de resistência e força seriam obrigatórios. Na avaliação dos conhecimentos o aluno foi aferido por um teste diagnóstico, em que os alunos foram diagnosticados como aptos ou não aptos nesta área de extensão. O teste diagnóstico pareceu-me ser o método mais eficaz, para aferir esta área, sendo aplicado aos alunos sob as mesmas condições de duração e de conteúdos.

O protocolo de avaliação (PAI) da escola orienta esta etapa, uniformizando a forma como todos os professores devem avaliar os seus alunos nas diferentes matérias das atividades físicas e na aptidão física. Para a área dos conhecimentos, o PAI admite a diferenciação da forma como o professor avalia os seus alunos, no entanto define as áreas que terão de ser abordadas em cada ano de ensino. Após a análise deste documento, verifiquei que os critérios de êxito para cada nível em cada matéria estavam adequados às características e capacidades dos alunos da escola, no entanto, em determinadas matérias existiam alguns erros técnicos e os objetivos estavam pouco concretos. O professor orientador de escola

propôs que eu e o meu colega de estágio elaborássemos para apreciação futura um documento onde fizemos uma análise crítica ao PAI existente e propusemos a avaliação inicial de matérias que não estavam descritas no PAI existente. Apesar de termos concretizado este documento, a minha avaliação inicial foi feita segundo o PAI da escola já existente, pois a concretização final deste documento já foi com período planeado para a etapa da avaliação inicial a decorrer. No entanto este documento foi entregue e poderá ser usado nos pelos professores do grupo pois achamos que torna o documento mais completo.

Para realizar a avaliação das atividades físicas construí grelhas de observação dos alunos de modo a fazer um diagnóstico mais criterioso, no entanto, a forma de registo da informação observada trouxe-me algumas dificuldades. A preocupação em observar todos os alunos para os avaliar da melhor forma fez com que, por vezes, o acompanhamento e o feedback ficassem comprometidos. Aquando da observação de uma determinada matéria deixava de controlar o trabalho que estava a ser realizado nas restantes e perdia, por vezes, o controlo dos alunos. Nesse sentido um dos aspetos que devo ter sempre em conta é que o processo de ensino deve estar sempre presente, o aluno deve sentir que está a ser acompanhado e que o professor tem sempre preocupação que as suas aprendizagens sejam efetivas.

Assim, tive de experimentar diferentes formas de registo. Numa primeira fase ia apontando aquilo que observava durante a aula e após perceber que talvez esta não fosse a melhor hipótese comecei a fazer os apontamentos após o término das aulas, sendo que em cada aula tinha uma matéria prioritária a observar. A primeira estratégia foi vantajosa no que diz respeito à maior precisão de registo das capacidades dos alunos, porém não me permitia acompanhá-los da melhor forma nas suas aprendizagens. A segunda estratégia permitiu-me fazer um maior acompanhamento dos alunos, no entanto, no momento de registo dos objetivos cumpridos ou não pelos alunos, muitas situações eram esquecidas. Para colmatar estas desvantagens, sempre que tive alunos impossibilitados de realizar a parte prática da aula, optei por pedir-lhes que fizessem também uma avaliação dos seus colegas, com base nos critérios que lhes fornecia, de modo a poder ter um termo de comparação. A estratégia que mais se adequa e melhores resultados tive foi a de fazer o registo escrito no final da aula. Fiz esse registo logo no final da aula de forma a ter perdas de informação residuais, apontando os aspetos que iam ao encontro dos critérios de observação em cada matéria, e ainda quais os alunos que se destacavam. De forma a que na segunda aula de cada matéria, estava definido, quais os alunos que deveria observar preferencialmente, de

modo a completar os dados da avaliação que estavam em falta ou em dúvida, tendo também aproveitado essas aulas para ajustar o nível de alguns alunos.

Após a etapa de Avaliação Inicial, é necessário fazer uma análise das informações recolhidas para posteriormente se fazer o planeamento anual da turma (PAT). Esta fase de planeamento (PAT) bem como as tarefas que lhe estão associadas, estão identificadas como as que se apresentam como mais difíceis para o professor estagiário. Segundo Teixeira & Onofre (2009) esse facto deve-se aos professores estagiários terem de planear para uma realidade com a qual não estão familiarizados e na qual têm pouca experiência. Indo ao encontro do referido em cima, a fase de construção do plano anual foi aquela onde senti algumas dificuldades pois as informações recolhidas durante a avaliação inicial, por vezes, não foram conclusivas no que diz respeito ao ritmo de aprendizagem dos diferentes alunos, o que complicou a fase de prognóstico e conseqüentemente a definição do tempo a dedicar a cada etapa. Contudo, com elaboração mais detalhada de um balanço desta etapa e de um estudo mais aprofundado das matérias e dos alunos, tendo em conta as reflexões individuais e em grupo, e ainda análise dos resultados obtidos foi possível colmatar estas dificuldades. Foi assim elaborado o PAT que não sendo estável (podia sofrer alterações de acordo com aquilo que os alunos iam demonstrando ser as suas capacidades) permitiu-me orientar a construção dos planos de etapa, unidade de ensino e aula.

3.2. Etapas seguintes

A construção do PAT é de extrema importância e tem de ter por base os dados recolhidos durante a avaliação inicial. No entanto este plano pode ser reajustado consoante o desenvolvimento e desenrolar do ano letivo. A construção do PAT deve considerar aspetos importantes: realização do conjunto dos objetivos das matérias nucleares de acordo com as decisões do departamento de educação física da escola; os objetivos devem estar explícitos e devem ser comunicados aos alunos; no sentido de aprendizagem e aperfeiçoamento dos alunos a ação formativa é tão global quanto possível e tão analítica quando necessário; ao longo do ano devem existir períodos onde aprendizagem deve ser mais concentrada, necessária para aprendizagem predominante de uma matéria e períodos de revisão/aperfeiçoamento posteriores, em ciclos mais curtos ou em partes de aula sistematicamente mantidas num determinado número de semanas (aprendizagem distribuída); deve existir a preocupação de a atividade formativa estar presente em todas as aulas; diferenciação de objetivos operacionais e atividade formativas por aluno; a

formação dos grupos homogêneos ou heterogêneos; explicitar as atividades de aprendizagem relativamente à área dos conhecimentos; organização geral do ano letivo dividido por etapas com objetivos definidos (Ministério da Educação, 2001).

As etapas seguintes devem ser preparadas e devem estar bem explícitos os objetivos de cada uma, sejam objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de matérias, recuperação ou consolidação das matérias. Podem ser organizadas e delimitadas consoante a organização do ano letivo e tendo por base o projeto curricular existente na escola. Assim e tendo por base o PAT determinaram-se as etapas subsequentes, seguindo o projeto curricular de EF do agrupamento de escolas Aquilino Ribeiro e a sua periodização. Segundo o projeto curricular da escola tínhamos 5 etapas: 1ª Etapa – avaliação inicial; 2ª Etapa – Introdução às matérias / Aprendizagem e Desenvolvimento; 3ª Etapa – Desenvolvimento / Aplicação; 4ª Etapa – Aprendizagem e Desenvolvimento; 5ª Etapa – Recuperação, Consolidação e Avaliação. A organização que fiz destas etapas tiveram por base a organização do ano letivo. Verifiquei que o 3º período é muito curto assim apenas a 5ª etapa foi desenvolvida neste período. Em relação à 2ª, 3ª e 4ª etapas, os objetivos acabaram por ser semelhantes, com períodos de aprendizagem de matérias e o seu desenvolvimento. Apesar de no projeto curricular de EF da escola as etapas recomendadas fossem 5, segui estas orientações, no entanto os PNEF recomendam 4 etapas: a primeira etapa – AI; a segunda – aprendizagem e desenvolvimento; a terceira – desenvolvimento e consolidação; e a quarta – consolidação e revisão (Ministério da Educação, 2001a). Considero, no entanto, que relativamente às etapas 2,3 e 4 anunciadas no projeto curricular os seus objetivos vão ao encontro dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de matérias anunciados nas etapas 2 e 3 dos PNEF.

Relativamente a estas etapas (2ª, 3ª e 4ª etapa) todas as áreas de aprendizagem, e seguindo as indicações do projeto curricular da escola, são tidas em consideração. A área da aptidão física englobada na própria atividade, onde tive a preocupação de a estruturar e organizar para que fosse intensa, ou mesmo em exercícios analíticos dedicados especificamente ao desenvolvimento da aptidão física do aluno. Relativamente à área dos conhecimentos o questionamento esteve presente em todas as aulas assim como ao desenvolvimento de trabalhos individuais sobre as capacidades físicas e ainda o desenvolvimento e apresentação de trabalhos de grupo sobre as perversões do desporto, tema descrito no projeto curricular da disciplina para este ano de escolaridade. Relativamente à 5ª etapa optei por uma ficha de avaliação de conhecimentos de forma a aferir esta área. Queria em cada período, para além do questionamento diário sobre as matérias, ter outro meio de avaliação que seguissem critérios estabelecidos à priori e que

fossem conhecidos pelos alunos de forma a conseguir avaliar mais detalhadamente esta área.

3.3. Estratégias de planeamento

Roldão (2009; citada em Leite, 2010) faz notar que ensinar não é apresentar, de forma mais ou menos coerente e sistematizada, um conjunto de conhecimentos e esperar que sejam apreendidos por quem assiste a essa apresentação. Ensinar é fazer aprender, o que pressupõe uma intencionalidade muito específica, a qual exige a conceção estratégica da forma pela qual se promove essa aprendizagem. O processo de gestão do currículo exige, portanto, um planeamento estratégico que não se compadece com formas simplistas de antever sequências de atividades a realizar pelos alunos. Pelo contrário, requer uma conceção finalizada e orientadora, mas também flexível e aberta, das formas pelas quais se pretende levar os alunos a fazer determinada aprendizagem (Leite, 2010).

O PAT deve estar estruturado de forma a que considere a organização geral do ano letivo por etapas. Etapas essas que se caracterizam por serem períodos mais curtos de tempo e que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem. Estas etapas assumem características e objetivos diferentes ao longo do ano, consoante o percurso de aprendizagem dos alunos e as intenções dos professores (Ministério da Educação, 2001).

A construção dos diversos planos de etapa foi realizada de forma progressiva, tendo partido da dimensão macro do planeamento (plano anual) seguindo para uma dimensão micro (planos de etapa e respetivas unidades de ensino). Verificaram-se momentos aquando da construção do plano anual de turma, em que os planos de aula e planos de etapa estavam a ser elaborados em simultâneo. Esta organização permitiu uma melhor interligação entre os diversos planos, sendo que no plano de etapa são especificados os objetivos que os alunos devem cumprir durante o período definido para a etapa, assim como o número de unidades de ensino a realizar; no plano de unidade de ensino são definidos os grupos de trabalho para cada matéria, os exercícios tipo para a concretização dos objetivos definidos e a forma de organização das aulas; no plano de aula é especificado quais os exercícios a realizar, qual o tempo a dedicar a cada um, como será feita a rotação, qual o material necessário para aula e quais as informações a dar aos alunos.

Na construção dos planos de etapa as dificuldades surgiram na definição dos objetivos para cada grupo tendo em conta os objetivos propostos na avaliação formativa e alcançados ou não na etapa anterior. Tive sempre a preocupação de não estabelecer demasiados ambiciosos e desadequados às capacidades dos alunos. No entanto

demonstrei algumas dificuldades em estabelecer esses objetivos em relação à ginástica, não só por ter menor conhecimento pedagógico do conteúdo, mas também, por constatar que a motivação de alguns alunos para esta matéria não me permitia tirar conclusões quanto às suas capacidades.

Relativamente às unidades de ensino, tive algumas dificuldades numa fase inicial na constituição de grupos tendo em conta as diferentes matérias. No entanto com o avançar do ano letivo e o conhecimento dos alunos essas dificuldades foram-se esbatendo. Para Teixeira & Onofre (2009) as dificuldades de planeamento vão diminuindo com o passar do tempo. A minha experiência ao longo do ano vai ao encontro desta ideia no que diz respeito ao planeamento e às dificuldades que inicialmente senti e que com o passar do tempo e a prática foram diminuindo.

Tive sempre a preocupação de promover medidas na constituição dos grupos até para promover alguma motivação a alunos que manifestassem uma evolução positiva. Outra preocupação que sempre tive foi a do planeamento das matérias na mesma aula. Tentava que na mesma aula, não houvesse mais que um desporto coletivo, tentando que as restantes matérias ou tarefas permitisse a prática individual. Assim evitava a troca dos grupos, porque um aluno que estivesse num nível no futebol poderia não estar no mesmo nível no basquetebol. Penso que com o passar do tempo, melhorei, relativamente à descrição, ao porquê de se fazer determinado exercício, aos objetivos a alcançar e aos critérios de êxito.

Numa fase inicial, no planeamento das aulas, relativamente à matéria de ginástica de solo e ginástica de aparelhos, que exigem um grande conhecimento do conteúdo, das componentes críticas e das ajudas, optei por formar grupos heterogéneos. O intuito seria a de que os alunos mais avançados na matéria dessem ajuda aos alunos com mais dificuldades. No entanto nessa altura não tive a capacidade de criar componentes de dificuldade para os alunos mais avançados, e estes acabavam por perder um pouco a vontade e motivação de evoluir. Apercebendo-me opto por alterar a composição para grupos homogéneos para estas matérias e também inclui tarefas que lhes permitisse evoluir.

3.4. Avaliação

A avaliação deve ser um processo de recolha, interpretação e divulgação de evidências. Deve, no entanto, estar orientado para um objetivo definido à partida. Serão esses objetivos ou propósitos que vão determinar as decisões sobre subseqüentes sobre as evidências a

selecionar. Por isso é importante a recolha dessas evidências de forma sistemática, os momentos em que ocorrem, de que forma os agentes estão envolvidos, a interpretação das evidências tendo por base referenciais (metas de aprendizagem) no sentido de emitir um juízo que permita tomar decisões e promover ações com sentido (Araújo & Diniz, 2015).

Segundo as Metas de Aprendizagem de Educação Física (2011), o currículo e a avaliação devem ter por base três grandes princípios: o ecletismo, a flexibilidade e a avaliação positiva.

A avaliação deve ser um processo que procure identificar onde os alunos estão nas suas aprendizagens e o que devem fazer para lá chegarem. Deve ser assim um processo que consiste na confrontação entre os resultados verificados com os objetivos estipulados à partida.

3.4.1. Avaliação Formativa

A avaliação formativa deve servir e suportar o processo de ensino e aprendizagem. A informação deve ser usada para promover melhorias (avaliação para a aprendizagem). Para considerarmos como avaliação formativa, deverá conduzir ao ajustamento do ensino, deverá produzir efeitos na melhoria da aprendizagem e deverá ser usada tanto pelos professores como pelos alunos (Araújo & Diniz, 2015).

Depois da concretização do PAT e da definição de objetivos e estratégias de concretização desses mesmos objetivos para cada aluno em cada matéria, contruí um modelo de avaliação que me permitisse observar de forma mais concreta a evolução dos alunos em todas as aulas. Este modelo consiste numa grelha referente a cada matéria contendo os objetivos a cumprir para cada nível, onde coloquei para cada aluno os objetivos cumpridos ou não por eles. A construção deste sistema permitiu-me, assim, facilitar a avaliação formativa que fui fazendo ao longo das aulas, visto que consegui apontar de uma forma mais precisa aquilo que foi sendo “conquistado” por cada aluno em cada matéria.

Estas grelhas foram também colocadas à disposição dos alunos, no final de cada etapa, como forma de lhes dar a conhecer os objetivos a cumprir para cada matéria e o que cada um deve trabalhar para conseguir atingir o nível seguinte. Cada etapa é constituída por várias unidades de ensino onde o desenvolvimento e progressão nas matérias são tidas em conta para que no final da etapa o aluno alcance os objetivos prognosticados. A unidade de ensino assume-se como o percurso que deve ser percorrido e não como o produto final que pretendemos que se alcance. Este sistema permitiu-me que, apesar do planeamento de determinado exercício para um grupo de trabalho homogéneo, cada aluno tivesse objetivos individuais a atingir, obrigando-os a saber quais os critérios de êxito de cada

situação proposta. Concluo que com a aplicação deste sistema produzi ajustamentos do ensino, observei melhorias nas aprendizagens dos alunos e promovi a participação e envolvimento dos alunos neste processo.

3.4.2. Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa serve como um balanço final daquilo que foi alcançado (desempenho final), proporciona um juízo de valor em relação ao que já foi alcançado por parte do aluno. Relativamente a este tipo de avaliação os alunos tiveram três momentos formais, respetivamente no final de cada período. Sabendo que a nota do último período é a nota final atribuída ao ano letivo que concluem.

Também acerca da sua evolução e nível onde se encontravam relativamente às aprendizagens e objetivos estipulados, existiram dois momentos durante o ano letivo (meio do 1º período e no meio do 2º período) que foi feita e comunicada, a avaliação intercalar. Esta avaliação também de cariz sumativo, mas inserida no processo contínuo da avaliação foi comunicada aos alunos e encarregados de educação sob uma forma de linguagem qualitativa ao invés da linguagem quantitativa atribuída na avaliação final de cada período. Para alcançar esta avaliação, segui os critérios de avaliação estipulados pela escola, que define em percentagem os parâmetros a ser avaliados (80% relativamente à prestação dos alunos na atividades físicas e desportivas e aptidão física, e 20% para a área dos conhecimentos). Os valores encontrados para cada parâmetro eram depois inseridos no programa informático INOVAR, que fazia média também com as notas atribuídas nos períodos anteriores e assim atribuída a nota critério. Foi sempre feita a conferência de notas com o professor orientador de escola, e sempre que em acordo achámos que se a nota critério deveria ser outra, então a alteração da nota foi feita.

Relativamente à avaliação sumativa senti mais dificuldades na atribuição da nota do 1º período. Porque como refere, Teixeira & Onofre (2015), senti que era uma responsabilidade grande a de realizar um juízo de valor sobre a prestação dos alunos com dados ainda pouco objetivos, e sem o apoio de critérios e procedimentos de avaliação claros. A conferência de notas com o professor orientador de escola colmatou essas dificuldades que foi diminuindo de período para período.

3.4.3. Autoavaliação

A autoavaliação é a reflexão que o aluno faz em relação a tudo o que aprendeu, relativamente a todas as atividades desenvolvidas, e ao emitir de um juízo de valor sobre essas aprendizagens. O aluno deve ter conhecimento e ter como referência um conjunto de critérios e objetivos. Esses critérios e objetivos devem estar claros e compreendidos

para o aluno, só assim este poderá fazer uma reflexão sobre as suas práticas e aprendizagens. A seguir à avaliação inicial foi comunicado aos alunos o nível diagnosticado relativo a cada matéria, e qual os objetivos que deveriam alcançar para atingirem o prognóstico traçado para cada matéria, para ano de escolaridade em questão, e tendo também em conta os objetivos que pretendiam alcançar relativamente à atribuição das notas, nas avaliações sumativas. Ao longo do ano, particularmente no final de cada etapa, era guardado um tempo para conversar com os alunos sobre a sua evolução e desenvolvimento das suas aprendizagens. Neste momento os alunos também preenchiam um pequeno registo de autoavaliação relativamente às matérias abordadas nas etapas. Este registo era feito sob a forma quantitativa (para cada matéria o aluno assinalava qual achar ser a sua prestação, usando uma escala de 1 a 5, sendo 1 o valor mais baixo e 5 o valor mais alto) e de forma qualitativa. O objetivo quando é feita esta reflexão é a de avaliação e crítica das suas próprias práticas e não a de comparação do seu desempenho com a dos colegas. Os alunos foram chamados a fazer esta reflexão no final de cada período. Penso que de uma maneira genérica as suas autoavaliações foram ao encontro da reflexão feita por mim, nesse sentido tenho de assumir que os alunos compreenderam os critérios e objetivos propostos.

3.5. Condução das aulas

Uma das minhas convicções relativamente ao ensino é que, o sucesso ou insucesso do aluno, está intimamente relacionado com a capacidade que o professor tem de ensinar, de transmitir a informação e da capacidade de manter o aluno interessado e motivado. Deste modo, tentei sempre que os alunos tivessem o maior tempo possível de empenhamento motor e feedbacks corretos e ajustados à qualidade da sua prestação (qualidades de um “bom” professor, apontadas por Piérron, 1985, citado em Cunha, 2010).

A organização e planeamento das aulas seguiu sempre a mesma estrutura: instrução inicial, o aquecimento geral, composto por exercícios de ativação e mobilização articular, seguindo-se depois uma fase de aquecimento específico, normalmente usada para consolidação de exercícios técnicos analíticos ou combinados, a fase principal e por último a fase de retorno à calma, normalmente eram realizados exercícios de flexibilidade. O objetivo sempre foi o de ter tempo à parte para fazer o balanço final da aula, onde o questionamento seria a estratégia mais usada.

Relativamente à instrução inicial penso que esta foi sempre bem conseguida. No início de todas as aulas ocorria uma breve conversa com os alunos, onde dizia as matérias que

iriamos abordar e o modo funcionamento da aula. Nesta fase da aula fui sempre clara e concisa na minha intervenção. No entanto e durante esta fase de instrução, relativamente a algumas matérias, senti algumas dificuldades na instrução de exercícios. Utilizei por vezes, a demonstração para melhor compreensão dos exercícios, mas nem sempre explicando o porque da sua aplicação qual a sua relevância, objetivos e finalidade para a sua execução. Usei a demonstração de alguns exercícios, em algumas vezes foi feita por mim, nas matérias onde tinha mais segurança, e quando ainda não tinha conhecimento acerca do nível dos alunos, noutras ocasiões pedi a alguns alunos para demonstrarem, deixando-me assim mais “livre” para realçar alguns pontos críticos dos exercícios. A explicação detalhada e o estabelecimento de alguns critérios de sucesso concretos para a sua execução poderão ajudar os alunos na sua compreensão, autonomia e aprendizagem.

Relativamente à gestão do tempo para cada fase da aula, penso que foi um aspeto que sempre consegui ter controlado. Sempre com a noção do tempo útil de aula para as suas diferentes fases, assim como o tempo atribuído a cada exercício e a cada grupo por tarefa de forma equitativa. No entanto considero que o tempo útil de aula de 50 minutos era muito curto, isto porque, tendo em conta o tempo que tinha de dar aos alunos para se equiparem e para no final da aula terem novamente tempo para se vestirem sem que estes perdessem tempo de intervalo, estamos a falar de um tempo útil de aula a rondar os 35 minutos. O planeamento tinha de ser seguido à risca, para que todos os exercícios planeados fossem concretizados. A fase do balanço final da aula nem sempre se concretizava, o tempo útil de aula acaba por ser reduzido, e se houvesse algum desvio ao planeamento o balanço final da aula acabava por sair prejudicado.

Na condução das aulas, as maiores dificuldades que senti foram o posicionamento, o controlo da turma à distância, e o feedback equitativo para toda a turma.

Inicialmente, quando dava feedback este era dirigido a apenas um aluno ou a um grupo mais pequeno. No entanto, este foi um aspeto que fiz um esforço para solucionar tendo a preocupação de me posicionar de forma a conseguir observar sempre a maior parte da turma, podendo, assim, mais facilmente dar feedback a um grupo mais distante sempre que necessário e fazer com que os alunos sentissem a minha presença e observação mesmo não estando perto deles. Deverá ser um aspeto que devo ter em atenção e continuar a trabalhar para ultrapassar esta dificuldade. Outra preocupação que dada altura verifiquei foi a de fechar o ciclo de feedback a todos os alunos e/ou grupos de alunos a quem dava o meu parecer sobre as suas ações. Sentia que na maioria das vezes conseguia fazê-lo, mas por vezes, não fazia no momento certo, o que podia levar a uma

repetição do erro por parte do aluno. Estabeleci também algumas estratégias como dar um maior número de feedbacks ao grupo e menor ao aluno, de modo a atingir uma “população alvo” maior.

Apesar do estudo de matérias com mais dificuldades, particularmente a ginástica, não consegui ter o impacto que queria ter nos alunos relativamente a esta matéria, às ajudas a dar na execução das habilidades. A motivação para esta matéria sempre foi baixa, causada para alguns por traumas antigos, e estes foram fatores que condicionaram em alguns alunos as suas aprendizagens nesta matéria. Como disse anteriormente tentei que o acompanhamento aos alunos fosse mais equiparado e nesse sentido tentei ter sempre presente a minha capacidade de diferenciação do ensino, criando exercícios de maior dificuldade para os alunos que já tinham atingidos os objetivos esperados para as matérias de forma a que as aprendizagens e motivação destes fosse crescente. Este foi um dos aspetos que com o decorrer do ano letivo penso que melhorei e proporcionei as condições de acompanhamento igual para todos os alunos, e não apenas aos alunos com mais dificuldades.

Relativamente às diferentes fases da aula, no aquecimento o estilo de ensino mais usado foi o de comando, conseguia assim ter um controlo mais eficaz perante os alunos. No entanto com o desenrolar do tempo, proporcionei que à vez um aluno assumisse esse papel. Relativamente à fase de aquecimento específico e a fase principal o estilo mais usado foi o de tarefa. No entanto também foram usados outros estilos de ensino que promovesse mais autonomia dos alunos. A fase de retorno à calma seguiu o padrão explicado em cima para a fase de aquecimento geral. Relativamente à fase de balanço final da aula, por muitas vezes foi feito o balanço de forma muito rápida ou nem foi feito. As causas para este facto se ter verificado foi ou por falta de tempo ou por estar atenta a tarefas de arrumação do material. No entanto sei que este tempo é importante para promover a comunicação e interação com os alunos e para perceber o que estes aprenderam durante a aula. Considero que esta fase deve ser feita no final de todas as aulas. É um aspeto que futuramente no exercício da atividade de docente devo ter em consideração e melhorar.

3.6. A observação de aulas

A observação de aulas é um aspeto de muita importância para a nossa aprendizagem e formação. Para além da observação semanal das três aulas lecionadas pelo colega do núcleo de estágio, das aulas do orientador de escola também observei várias aulas dos

diferentes professores do grupo de EF. Foi importante observar as diferentes estratégias usadas pelos professores do grupo relativamente à leção e também às estratégias usadas para controlo da atividade e de comportamentos fora da tarefa.

Também durante o 2º período tive a oportunidade de participar num projeto da FMH, o *Lesson Studies*. Com um grupo de estagiários, tivemos de escolher uma matéria, estudar o seu conteúdo pedagógico, escolher uma turma e um professor estagiário que iria dar a aula. De seguida tivemos de definir quais seriam os objetivos a atingir para a matéria escolhida e para a turma em causa. Fizemos o planeamento para aplicar numa aula de 90 minutos a uma turma de 10º ano. Foi então dada a 1ª aula, onde se tentou aplicar o planeamento. Todos estivemos presentes nesta aula, no sentido de observar e registar como decorreu, apontar o que correu bem e o que correu menos bem. Feita a análise crítica da aula por todos os participantes, partimos para pontos e aspetos que achámos que poderiam ser melhorados a aplicar numa segunda aula. Aplicados esses melhoramentos na 2ª aula filmada, fizemos posteriormente o mesmo processo de análise crítica ao que correu bem e menos bem em todo o processo. Os participantes no projeto participaram em sessões semanais do projeto e tinham de fazer um registo sobre o que foi feito em cada uma dessas sessões.

Ter participado nesta experiência, permitiu-me aprofundar o conhecimento pedagógico de conteúdo. A matéria escolhida por todos foi a que mais dificuldades apresentei nas minhas aulas. A participação neste projeto obrigou-me ao estudo autónomo da matéria de forma a poder participar ativamente e de forma fundamentada na troca de ideias com o restante grupo. A observação das aulas, permitiu também que fosse feita uma reflexão individual sobre opções de planeamento. Consegui retirar desta experiência aspetos que transpôs para a leção da minha turma. O estudo da matéria permitiu-me dar mais ênfase às componentes críticas de cada elemento e às ajudas a dar em cada um deles. Usei também algumas opções de planeamento e organização da aula, entre elas o estabelecimento do objetivo final a alcançar. Retiro também da participação neste projeto a construção do processo de aprendizagem de forma colaborativa, o trabalho em grupo a partilha de informação e a discussão potenciou a reflexão crítica de todos os participantes.

3.7. Semana a tempo inteiro

A semana a tempo inteiro, ou professor a tempo inteiro, tem como principal objetivo proporcionar aos estagiários uma experiência de horário completo, incluindo não só as

aulas propriamente ditas, como as horas destinadas à direção de turma e as horas destinadas às atividades de desporto escolar, cerca de 22 horas semanais.

Por ser uma escola, sede de agrupamento, com vários ciclos de ensino (2º ciclo, 3º ciclo e secundário) um dos fatores que tive em conta foi a “escolha” de turmas dos diferentes ciclos de ensino, com o objetivo de poder experienciar a lecionação nos diferentes ciclos, explorar diferenças e pontos em comum em relação à turma de secundário que leciono no âmbito do estágio. O projeto da semana a tempo inteiro foi realizado entre os dias 25 de fevereiro e 1 de março de 2019.

Para preparar esta semana seria necessário um período de planeamento prévio, realizado em conjunto com os professores das turmas. Foram questionados os professores das turmas sobre quais as matérias que pretendiam que fossem abordadas durante essa semana nas 3 aulas de 50 minutos tendo em conta também o espaço correspondente.

Esta semana foi, sem dúvida, uma experiência bastante enriquecedora para a minha formação enquanto futura professora, pois permitiu-me perceber todo o trabalho de planeamento e organização que é necessário para conseguir lecionar várias aulas na mesma semana, todas elas com particularidades específicas, onde os alunos são diferentes de turma para turma, fazendo assim com que a forma de comunicação seja diferente, o conteúdo seja diferente e a própria organização da aula seja também ela diferente. Todas estas particularidades tornaram esta semana especial para mim, por me ter feito perceber e passar pela experiência do que é ser, realmente, um professor de Educação Física, por me ter proporcionado o prazer de dar aulas a várias turmas/alunos com capacidades completamente distintas, e de poder ser reconhecida por outros alunos como “professora de Educação Física”.

A semana que antecedeu esta experiência foi importante pois tive o cuidado de observar as aulas ou partes de aulas de cada uma das turmas, e assim conhecer algum do trabalho desenvolvido pelos professores de educação física das turmas, que têm diferentes estratégias e diferentes maneiras de agir, consoante a realidade da turma. Depois tive toda uma fase de preparação e de planeamento, uma tarefa mais difícil, por não ter o conhecimento necessário acerca das capacidades dos alunos para poder planear da melhor forma possível. No entanto toda a informação transmitida pelos professores responsáveis das turmas foi importante para minimizar esse desconhecimento.

No seio das turmas que lecionei, apercebi-me de variáveis bastante positivas e outras com um carácter menos positivo, decorrente das práticas utilizadas pelos próprios professores

responsáveis pela disciplina de Educação Física, fruto das particularidades de cada turma, de cada aluno e seus comportamentos, interesses e empenho na disciplina.

Na turma do 5º ano, a professora deu-me liberdade de escolha das matérias. Tendo em conta que se tratava de uma turma de 5º ano tive de ter em atenção os conteúdos a dar seguindo as orientações dos PNEF para este ano de escolaridade. Tinha como principal objetivo a iniciação ao basquetebol, gestos técnicos e jogos pré-desportivos que ajudassem os alunos a perceber os objetivos principais do basquetebol. O planeamento feito para esta turma foi seguido, a turma atingiu os objetivos a que me propunha. Ao nível do controlo e condução das aulas, e apesar de ter algumas dificuldades pois não conhecia os alunos, consegui manter o controlo dos alunos, inculcar intensidade e ensinamentos aos alunos.

Na turma do 6º ano tive algumas indicações por parte da professora sobre as matérias a abordar. Verifiquei ser uma turma consideravelmente mais pequena do que a do 5º. Dos alunos que constituíam a turma nem todos demonstravam interesse e empenho nas aulas de EF. A professora responsável admitiu ser uma turma problemática em que os alunos nem sempre correspondem como deveriam. O planeamento para a primeira aula foi cumprido na sua totalidade. Em relação às outras duas aulas, o planeamento sofreu algumas alterações tendo em conta o local da aula e ainda o número de alunos disponíveis na última aula. Ao nível do controlo e condução das aulas foi mais difícil em comparação com a turma de 5º ano. Foram mais os momentos de interrupção para chamar a atenção dos alunos, para explicação de tarefas e pedidos de maior empenho. No entanto e apesar de mais tempo “perdido” penso ter conseguido manter o controlo dos alunos, inculcar intensidade e ensinamentos aos alunos.

A professora responsável da turma do 7º ano deu-me indicações sobre as matérias que queria que abordasse. O planeamento feito para as três aulas foi cumprido quase na totalidade. Ficando apenas por abordar na última aula, de atletismo (corridas de velocidade) a partida em baixo. A segunda e terceira aula tinham por objetivo abordar a matéria de atletismo, corridas de velocidade. De uma aula para a outra inclui exercícios de progressão na fase de aquecimento específico para as corridas de velocidade. Na primeira aula de atletismo, inclui exercícios de reação e velocidade, fazendo um paralelismo à fase de partida e fase de aceleração nas corridas de velocidade. Na segunda aula optei por exercícios mais técnicos, onde o foco seria a técnica de corrida com o auxílio de arcos e pequenas barreiras. Na última aula tinha por objetivo final o de retirar os tempos de corrida em 40 metros. Esses tempos foram tirados individualmente, o que criou alguma confusão

na zona de partida, com muitos alunos nessa zona. Deveria ter pensado previamente em estratégias para evitar essa confusão na zona de partida. Como por exemplo envolver os alunos que não estavam a fazer a aula na tiragem do tempo e fazer as tiragens do tempo com mais alunos até para promover a competição entre eles. Assim evitava estarem tantos alunos parados na zona de partida. Apesar de na última aula ter-se verificado um pouco mais de confusão em alguns momentos, o nível geral de controlo e condução das aulas nesta turma foi positivo. Consegui inculcar intensidade e ensinamentos aos alunos. A nível de organização ajudou-me a reforçar a ideia de que devo ter em atenção todos os momentos da aula e pensar previamente em estratégias para minimizar tempos parados, permitindo aos alunos mais tempo para que estes não se desconcentrem das tarefas da aula.

A turma do 8º ano foi onde me deparei com mais dificuldades, quer a nível de controlo dos alunos quer na própria condução da aula. Sabia por indicação da professora responsável e por ter assistido a uma aula que era uma turma composta por alunos problemáticos e indisciplinados. As matérias foram escolhidas por indicação da professora e o planeamento das aulas foi previamente aprovado. Nas duas primeiras aulas, não consegui seguir na íntegra o planeamento. Apenas foi dada uma matéria por aula. Foi preciso muito tempo para controlar e chamar à razão os alunos. Nem todos demonstravam interesse e empenho e alguns momentos provocaram confusão na aula. No entanto na última aula, verifiquei mais empenho e interesse por parte dos alunos. Não se registaram problemas de comportamento e o planeamento foi totalmente cumprido. Os alunos estiveram em constante atividade e isso poderá ter sido o motivo para menos conflitos entre eles. Notei que foi uma aula bastante mais produtiva do que as anteriores onde consegui ter um papel mais ativo na sua condução. Considero que o facto de os alunos estarem em constante atividade, sem tempos mortos, foi uma estratégia importante para evitar comportamentos fora da tarefa e de indisciplina.

A turma de 9ºano, uma turma pequena, com alunos que nem sempre demonstram empenho e gosto pelas atividades propostas. Tive alguma dificuldade em motivar os alunos para as tarefas, não por terem comportamentos desajustados, mas serem pouco empenhados e interessados na disciplina. No entanto o planeamento relativo às 3 aulas foi cumprido. Apesar do interesse e empenho dos alunos nem sempre demonstrado pelos alunos, penso que o saldo a nível do controlo e condução das aulas foi positivo, consegui manter o controlo dos alunos, inculcar intensidade e ensinamentos aos alunos.

Na minha opinião, penso que deveriam existir mais semanas assim, pois esta semana constituiu para mim, uma excelente experiência a todos os níveis. Foi muito interessante verificar as diferenças que registei nas diferentes turmas de diferentes ciclos e com isso fazer comparações relativamente à minha turma de estágio. Pelo contato que tive com as diferentes turmas constatei que os níveis de empenho e motivação vão diminuindo com o avançar do ano de escolaridade e conseqüentemente aumentam comportamentos de indisciplina e a frequência de comportamentos fora da tarefa. Comparando com a minha turma, do secundário, esta apresentava níveis de empenho e motivação dispersas, no entanto isso não promovia o aumento de comportamentos de indisciplina. Relativamente ao conteúdo e a possíveis estratégias de planeamento que possam ser usadas para rentabilizar o tempo de um docente com 22 horas semanais, verifiquei que em apenas turmas do mesmo ciclo de ensino é possível fazer a rentabilização desses planeamentos não abdicando, no entanto, de alterações que possam ser necessárias ser feitas antes e durante a própria aula. Apesar de ter recolhido informação sobre as diferentes turmas, junto dos professores, um dos grandes constrangimentos que aponto foi o facto de não saber o nome dos alunos e isso colocou algumas dificuldades no controlo da turma à distância e no feedback. Para tentar contornar essa dificuldade perguntava aos alunos mais próximos de mim o nome do colega que pretendia chamar a atenção. No caso do feedback a solução passava por dar o feedback imediatamente a seguir à execução e dirigir-me ao aluno para uma comunicação mais próxima e direta.

Apesar dos constrangimentos e dificuldades apontadas penso que de uma maneira geral consegui inculcar a intensidade que pretendia e que os alunos aprendessem algo de novo nas aulas.

3.8. Contacto com o 1º ciclo

Será durante as idades que compreendem todo o 1º ciclo de ensino onde se situam os períodos críticos para o desenvolvimento das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais. Importa que as crianças nesta fase possam aprender, desenvolver e aperfeiçoar as habilidades mais significativas e fundamentais para aprendizagens futuras. A falta de atividade física apropriada pode vir a traduzir-se em carências no futuro. (Ministério da Educação, 2001b). Sabemos, no entanto, que a obrigatoriedade de cumprir com estes objetivos não está a ser cumprida. Para colmatar esta falha a atividade físico-motora é uma atividade que está entre outras inserida como uma atividade extracurricular. Parece-me que não sendo a solução ideal, veio acabar por

minimizar as consequências que a total ausência de atividade física e motora nestas idades podem vir a trazer no futuro. O grupo de EF, tenta de alguma forma intervir para que os alunos das escolas primárias que pertencem ao agrupamento tenham acesso e participem em atividades organizadas, como por exemplo, o corta-mato e o jogo do piolho. Uma professora do grupo de EF, semanalmente tinha um papel importante numa destas escolas, pois promovia treinos de basquetebol para os alunos da escola. O grupo de EF sabia da minha experiência nesta modalidade. Assim surgiu a oportunidade de semanalmente, juntamente com a professora do grupo de EF, ter contato e interagir com alunos do 1º ciclo. Os objetivos principais, passavam por promover e incentivar estes alunos para a prática do basquetebol, através da aquisição das técnicas básicas da modalidade e motivação para o jogo. Esta interação foi muito importante, no sentido me envolver nas dinâmicas da escola, mais concretamente do grupo de EF, também o envolvimento com comunidade escolar. Foi também importante para relembrar e melhorar o ensino dos conteúdos da modalidade nestas estas idades e na troca de ideias com a professora responsável. Esta experiência permitiu-me verificar as diferenças que existem relativamente aos comportamentos dos alunos nestas idades perante a atividade física, neste caso mais concreto o basquetebol, verificando a sua curiosidade a sua aplicação e o seu empenho para as aprendizagens.

4. Investigação e inovação pedagógica

A qualidade de ensino implica que o professor, para além de dominar os princípios e procedimentos associados a uma intervenção pedagógica de qualidade, tenha competência para compreender os contextos de intervenção, numa perspetiva de construção das soluções mais adequadas às exigências da complexidade, inerente ao ensino e à aprendizagem (Martins, 2014).

O professor deve ter uma atitude proactiva e reflexiva, tentando perceber o porquê dos problemas que vai encontrando ao longo da sua “caminhada” de forma a poder resolvê-los. É importante o professor ter a capacidade de se enquadrar no meio escolar, conseguir detetar problemas existentes e a partir daí potenciar a sua capacidade reflexiva para promover um processo de investigação e daí advir estudos das problemáticas identificadas e possíveis estratégias para os minimizar. O processo de investigação é muito importante para um professor, pois para além de ajudar a resolver problemas práticos da vida profissional a sua aplicação traz contributos para os conhecimentos de base, sejam os de preencher, replicar ou expandir o conhecimento, faz com que se melhore os aspetos práticos e promove a reflexão crítica e trabalho colaborativo quando mais pessoas estão envolvidas. Genericamente o ponto de partida para a investigação será de colocar a questão. No caso do professor é assim importante este ter conhecimento da realidade, das problemáticas e a partir desse conhecimento decidir qual a questão que se quer debruçar. A etapa seguinte diz respeito será a recolha de dados sobre o tema ou questão com o intuito de o ajudar a dar respostas e por último apresentar respostas para a questão. O processo de investigação deve seguir uma série de etapas para que os objetivos para o “investigador” sejam alcançados e para que se consiga implementar ou uma mudança na situação determinada se também for esse o objetivo. O processo começa então por identificar o problema que queremos investigar, depois deve existir uma fase de revisão da literatura com o intuito de estudar o problema e de verificar investigações (estudos) já realizados. Feita esta análise devemos focar e delimitar o problema que queremos investigar, o propósito deverá ser concreto e estar bem explícito. Depois partimos para a fase de recolha de dado e a posterior análise. Por último produzimos o relatório onde deverão estar as conclusões a que chegámos e possivelmente incluímos estratégias de minimização da problemática estudada.

Enquadrado no estágio pedagógico, na escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro, o núcleo de estágio começou assim um longo processo de investigação, que se caracterizou por diferentes etapas. O primeiro passo nesta área foi fazer um levantamento de necessidades, fazendo a leitura de documentos orientadores da escola e falando com vários agentes

escolares (professores, alunos, funcionários, órgãos de gestão) para perceber quais eram as necessidades a serem tratadas na escola. Este diagnóstico permitiu desde logo ao núcleo de estágio ficar mais elucidado sobre o que deveria ser estudado, tendo chegado à conclusão de que um tema que poderia ser interessante investigar seria a Indisciplina na sala de aula, mais especificamente quais as percepções dos professores relativamente à indisciplina dentro da sala de aula na Escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro.

De forma a perceber quais os dados já existentes nesta área de estudo, foram vários os artigos que procurámos e consultados para compreender e estruturar a questão de partida e todo o processo de construção dos instrumentos de avaliação. As referências bibliográficas foram analisadas de uma forma mais detalhada, com o objetivo de apresentar a problemática do nosso estudo, toda a metodologia e ainda o instrumento utilizado para responder à pergunta de partida.

A indisciplina na escola pode ser caracterizada como possíveis desvios e infrações às normas e regras que regulam a vida na aula e em todo o espaço escolar e é um problema bastante debatido e discutido por toda a comunidade escolar pela visibilidade que lhe é dada atualmente, no entanto, é um problema bastante antigo (Amado, 2010; Amado & Freire, 2008). Segundo Amado e Freire (2009) existem três níveis de indisciplina: **Primeiro nível** - "desvio às regras de trabalho", que se traduz na perturbação do desenvolvimento da aula pelo incumprimento das regras necessárias ao seu bom funcionamento; **Segundo nível** - "perturbação das relações entre pares", designada como "social", está ligada à relação entre os alunos, é normalmente associada a um aluno ou grupo de alunos, podendo verificar-se em qualquer situação social, embora com contornos específicos no seio da escola ou da turma; **Terceiro nível** - "problemas da relação professor-aluno", é composto por comportamentos que, para além de serem em causa a autoridade e o estatuto do professor, incluindo alguma agressividade e violência contra o mesmo, prejudicam o ambiente de trabalho e infringem as regras. Assume-se que uma maioria de comportamentos associados a um nível de gravidade inferior, ocorrem diversas vezes, comparativamente aos comportamentos de nível superior que ocorrem com menor frequência.

Na relação pedagógica, professor-aluno, o professor tem autoridade sobre o aluno, sendo desiguais os estatutos que os dois sujeitos da relação assumem (Sousa, 2012). No entanto, a interação e a relação professor-aluno, contempla dois sujeitos em que ambos são parte integrante e influente da mesma, onde os problemas poderão ser "causados" por ambos.

A percepção que cada um tem do que é a indisciplina é inter-individual e intra-individual, o que para um professor pode ser considerado uma atitude de indisciplina na sala de aula, para outro professor essa mesma atitude pode não o ser. A base do nosso estudo assenta precisamente nestas diferentes percepções da indisciplina na sala de aula que podem surgir no grupo de professores da mesma escola.

O aluno é o ator principal numa escola, e sendo este o local onde o aluno interage com outros intervenientes, a escola deve ser a mediadora na prevenção e resolução deste tipo de problemas. É importante que em cada escola disponibilize aos professores e alunos todos os instrumentos e documentação onde deverá estar descrito de forma detalhada o modo de funcionamento da escola, os direitos e deveres de cada membro da comunidade educativa. Sabendo pela leitura e análise dos documentos orientadores da escola, que esta escola integra alunos com características socioeconómicas e sociais distintas é de extrema importância que a escola proporcione um clima organizacional que permita boas condições de trabalho e proporcione um clima propício à aprendizagem aos seus alunos. O facto de esta escola ter uma grande variedade de oferta formativa, ter um gabinete de apoio ao aluno, uma classe docente que coloca o aluno em primeiro lugar e ainda verificar que ao longo dos anos o problema da indisciplina tem vindo a diminuir demonstra o esforço e preocupação pelos responsáveis para conseguir proporcionar clima que seja propício aos alunos.

O núcleo de estágio delimitou como objetivos para a realização deste estudo, perceber quais as percepções que os professores da Escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro têm sobre a indisciplina na sala de aula, que tipo de atitudes/comportamentos são considerados por estes professores como indisciplina e quais as possíveis estratégias de combate à indisciplina que consideram importantes. Pretendíamos também verificar se as percepções que os professores fazem da indisciplina variava entre departamentos, em função das idades, com o tempo de serviço e por último entre ciclos de ensino diferentes.

A partir da análise de estudos sobre este tema e revisão bibliográfica conseguimos verificar que a recolha de dados poderia ser feita de diferentes formas. No entanto encontramos instrumentos (questionários) que nos davam o ponto de partida para a construção e/ou adaptação de um instrumento que nos permita tirar conclusões relativamente à pergunta de partida proposta e que espelha o problema diagnosticado inicialmente, assim como propõe algumas soluções para o problema.

Durante a segunda etapa da investigação, já com o instrumento construído e após feedback surgiu a hipótese de colaboração com uma socióloga (perita externa) que intervém junto do agrupamento de escolas Aquilino Ribeiro. A coincidência dos temas de trabalho (indisciplina na sala de aula) que estavam a ser abordados para a escola fez com que esta colaboração acontecesse de forma natural. Houve apenas a necessidade de se fazer pequenos reajustes ao nosso instrumento inicial para que os nossos objetos de estudo fossem alcançados e logo a sua aplicação ficou disponível para todos os professores das escolas EB 2,3/S Aquilino Ribeiro. O questionário usado dividia-se por uma primeira parte de identificação do professor de forma a manter o seu anonimato, depois uma segunda parte onde existiam tabelas com indicadores relativamente ao conceito da indisciplina, às causas da indisciplina e a ações que poderia ser tomadas para a resolução dos problemas de indisciplina. Os professores responderiam pelo grau de importância que atribuíam a cada indicador. Os professores tiveram todo o segundo período como limite para o preenchimento *online* dos questionários. A nossa amostra acabou por ser constituída por 55 professores de um universo total de 81.

Seguiu-se a fase de análise de resultados e possíveis conclusões dos mesmos, que foi feita pelo núcleo de estágio em conjunto com a socióloga. Foi feita uma análise estatística descritiva, e uma análise estatística bivariada (análise da relação entre duas variáveis) e multivariada (associações entre diferentes dimensões). Foi muito importante podermos contar a ajuda da perita nesta fase de análise dos dados. Os trabalhos já efetuados sobre esta problemática e o facto de estar habituada a trabalhar com a análise estatística ajudou-nos na interpretação e discussão dos dados obtidos de forma mais rápida e conseqüentemente às conclusões do nosso estudo.

Relativamente à análise descritiva conseguimos agrupar os professores que responderam ao questionário por género (43 – género feminino, 12 – género masculino), conseguimos aferir a média de idades dos professores (48 anos) e o intervalo de idades, a idade mínima e a idade máxima (29 a 62 anos). Relativamente aos ciclos de ensino verificámos que 17 professores lecionam no 2º ciclo e os restantes 38 no 3º ciclo e secundário. O tempo de serviço dos professores varia entre 1 ano e 39 anos, e a média de tempo de serviço situa-se nos 21 anos. Por último agrupámos por departamentos: Línguas (n=17); Matemática e Ciências Experimentais (n=16); Expressões (n=10); Ciências Sociais e Humanas (n=7); Educação Especial (n=2); Sem resposta (n=3).

Relativamente à análise bivariada, análise da relação entre duas variáveis, verificamos que as comparações realizadas para o género, ciclo de ensino, departamento e tempo de

serviço não apresentam diferenças significativas nas percepções dos professores relativamente à indisciplina dentro da sala de aula. A mesma conclusão se retira em relação às causas da indisciplina e ações a desenvolver para resolver a indisciplina.

Por último a análise multivariada, agruparam-se as variáveis existentes em novas variáveis relativas às dimensões conceito de indisciplina, das causas da indisciplina e ações para resolver a indisciplina e verificou-se que a amostra atribui graus de gravidade semelhantes aos diferentes comportamentos de indisciplina apontados, às causas da indisciplina e às ações a desenvolver para resolver a indisciplina.

Assim as conclusões do nosso estudo apontam para a não existência de diferenças significativas relativamente ao conceito de indisciplina, às causas da indisciplina e estratégias para combater a indisciplina entre professores de departamentos, ciclo de ensino, idade e tempo de serviço diferentes. E em resposta à nossa pergunta de partida verificamos também que as percepções dos professores relativamente à indisciplina dentro da sala de aula na EB 2,3/S Aquilino Ribeiro não apresentaram diferenças significativas entre os professores.

O núcleo de estágio tinha como objetivo principal que as conclusões deste estudo pudessem vir a servir como alerta e ajuda aos professores a lidar com a problemática assim como vir a servir de ponto de partida para outros estudos mais aprofundados sobre o tema, que podem incluir mais níveis de ensino, outros métodos de recolha de dados e ainda incluir a percepção dos alunos relativamente à problemática e até que ponto estes percebem a interferência que ela pode ter no seu processo de aprendizagem, crescimento e desenvolvimento.

Tendo como convidada a socióloga, colaboradora externa do agrupamento, foram apresentadas as conclusões desta investigação. A apresentação foi feita durante uma reunião de conselho pedagógico, para os seus membros e alguns convidados que achamos podiam ter interesse e influência neste tema, num total de 18 pessoas. Para além dos professores que compõem o conselho pedagógico, convidámos para estarem presentes nesta apresentação outros membros da comunidade educativa, no entanto não registámos a sua presença.

Apresentámos os pontos que nos pareceram mais relevantes e que vão ao encontro dos objetivos da nossa investigação. Promovemos a discussão do tema entre os professores presentes, que nos pareceu ter sido bastante produtiva. A discussão começou na origem de um dado relativo às causas da indisciplina ser apontada como a principal o atraso dos

professores. Os dados relativamente a esta causa geraram alguma discussão também pelo facto de na apresentação não estar bem explícito a que idades se referia estas respostas. Foi o rastilho necessário para dar seguimento à discussão e à confirmação de existem diferentes perceções sobre esta problemática que é consensual e intemporal. Foi interessante ouvir a opinião de alguns dos presentes e verificar a preocupação e o trabalho que este agrupamento de escolas está a desenvolver para prevenir, e minimizar esta problemática. O trabalho colaborativo que sido feito entre o agrupamento de escolas e a perita externa também espelha esta preocupação e esforço. O agrupamento em conjunto com a perita, estão na fase de recolha de opiniões para depois partirem para produção de um documento, o código de conduta. O núcleo de estágio apresentou como estratégias para minimizar a problemática: a consciencialização e prevenção assumem, um papel preponderante para minimizar e controlar a indisciplina; o conhecimento do historial clínico, características e personalidade do aluno; desenvolver trabalho colaborativo, estabelecendo desde logo e que sejam conhecidas as regras e limites. A construção de um documento de medidas de prevenção da indisciplina, assumidas pela escola, para os professores, alunos e encarregados de educação; a participação e envolvimento mais presente dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos; e a constituição de um grupo multidisciplinar que promova ações de sensibilização e estratégias para ajudar a lidar com a problemática, dirigido aos docentes, não docentes e alunos. Particularmente a turma que lecionei não apresentou problemas de indisciplina, e por isso a problemática não teve influência no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

O núcleo de estágio elaborou um pequeno questionário para avaliar o grau de satisfação dos professores presentes relativamente à apresentação. Num total de 108 respostas apenas em duas respostas registámos o valor de 3, nas restantes as respostas situaram-se entre o 4 e 5 (valor mais elevado). Podemos assim assumir que o grau de satisfação dos presentes em relação à apresentação foi elevado. Destaco o valor médio relativo à pertinência do conteúdo apresentado é quase de 5 (4,94). Avaliando internamente o núcleo de estágio concluiu que a escolha da problemática foi acertada, a apresentação globalmente correu bem. Como referido em cima faltou-nos apresentar com mais detalhe um dos dados o que suscitou alguns sussurros. No entanto também foi o que deu o ponto de partida a discussão do tema entre os participantes. Usámos uma linguagem clara e assertiva e um suporte visual apelativo. Conseguimos transmitir todos os procedimentos do estudo que fizemos para chegarmos às conclusões apresentadas. Deixámos algumas estratégias que podem ajudar a minimizar a problemática assim como algumas sugestões de estudos futuros. Fazemos um balanço positivo da apresentação não só pelo grau de

satisfação espelhado pelas respostas ao questionário, mas também pelo entusiasmo dos participantes que se gerou na altura da discussão.

5. Participação na escola

5.1. Desporto Escolar

O desporto escolar tem como visão a participação regular em atividades físicas e desportivas de todos os alunos do sistema educativo, a sua missão passa por estimular a prática atividade física no sentido de promover o sucesso dos alunos, a promoção de estilos de vida saudáveis e a transmissão de valores e princípios associados à cidadania ativa (Direção Geral da Educação da Educação, 2017).

O projeto de acompanhamento do desporto escolar (DE) surge no âmbito da área de participação na escola, que está inserida nas atividades do estágio pedagógico, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Nesta área de formação, é proposto ao estagiário o enquadramento num dos núcleos de desporto escolar existentes na escola, visando que este tenha uma participação ativa na sua condução, avaliação e planeamento. Através deste acompanhamento ao longo de todo o ano letivo, será possível adquirir mais conhecimento acerca da modalidade, nomeadamente das suas características, das formas de treino, da organização de competições, entre outros aspetos. Na minha situação específica o meu acompanhamento foi muito ativo e efetivo, pois toda a parte de planeamento e lecionação ficou a meu cargo.

De um modo geral, pretendia através do acompanhamento do núcleo de desporto escolar: divulgar a modalidade na escola; constituir um grupo com um número de participantes que permitisse a aprendizagem e desenvolvimento da modalidade; motivar os alunos durante os treinos e promover-lhes o gosto pela modalidade; ajudar os alunos com mais dificuldades, fazendo com que recuperem, desenvolvam ou complementem o seu desempenho em relação ao seu currículo em Educação Física; desenvolver nos alunos a capacidade de cooperação e o espírito de entreaajuda e respeito pelos colegas; e possibilitar aos alunos a oportunidade de participar em encontros e competições com outras escolas, apresentando todo o trabalho que é desenvolvido nos treinos em consonância com os objetivos técnico-táticos para as idades em questão.

A minha participação nas atividades de treino do núcleo de Desporto Escolar recaiu sobre o núcleo de basquetebol feminino da Escola EB 2,3/S Aquilino Ribeiro no escalão de iniciados, alunas nascidas nos anos 2004 e 2005. Por semana fazíamos dois treinos de 50 minutos (terça-feira e quinta-feira).

O basquetebol é uma modalidade que domino todo o processo pedagógico e de treino, no entanto através do acompanhamento deste núcleo consegui atingir os seguintes objetivos

para a minha formação: Aumentei ainda mais o meu conhecimento em relação a exercícios e progressões pedagógicas utilizados no ensino do basquetebol para este escalão, pois estando habituada a trabalhar níveis de alto rendimento e escalões superiores tive de focar a minha atenção muito mais no ensino e desenvolvimento das técnicas básicas; Aprofundei os conhecimentos, e para isto tive voltar a pesquisar documentação relativa a estas idades, que me ajudaram a detetar e a corrigir os erros cometidos pelos alunos, isto com o sentido de modificar os exercícios de acordo com o nível dos mesmos; Aproveitei o conhecimento adquirido durante os treinos do DE, para melhorar a minha intervenção nas aulas de Educação Física; Melhorei as competências ao nível do planeamento, condução e avaliação das atividades realizadas, relativamente à modalidade ajudou-me na avaliação dos nível dos meus alunos, nos feedbacks prescritivos e demonstrativos para corrigir erros nas técnicas e ainda na construção e progressão de exercícios que permitisse as aprendizagens e desenvolvimento dos alunos nesta modalidade; Fiquei a conhecer e perceber toda a estrutura organizacional de uma atividade do DE; Planeie e participei ativamente em todos os treinos; Fiquei a compreender o processo de organização dos encontros e competições do DE; Acompanhei e orientei os alunos nos encontros e competições.

Quando iniciámos o núcleo, e antes de fazer o planeamento anual, fizemos uma breve avaliação inicial das alunas segundo alguns critérios pré-definidos. De seguida foi foram definidos um conjunto de objetivos gerais para o grupo-equipa que foram ajustados à medida que fui conhecendo melhor a equipa e também à medida da entrada novas alunas. No planeamento dos treinos tive grande intervenção, devido ao conhecimento que possuo acerca do desporto em questão. A totalidade do tempo de treino foi preparada e executada por mim.

Só durante o 2º período é que tivemos os nossos encontros, ou seja, jogos com outros núcleos de DE. O nosso núcleo estava inserido num grupo de 3 equipas, que se iriam encontrar por três vezes para encontrar as duas primeiras classificadas, sob um regulamento próprio de participação. Apesar de não termos conseguido alcançar vitórias que nos permitiria alcançar as classificações para avançar na competição, demonstrámos ser um grupo de atletas/alunas com espírito competitivo, de interajuda e sentido de equipa. A prática de atividade física, mais concretamente de uma atividade desportiva coletiva tem como objetivos a transmissão de valores e comportamentos positivos. Verifiquei nas atletas/alunas com o passar do tempo um crescente de comportamentos de interajuda para com as suas colegas de equipa, de responsabilidade e disciplina. A competitividade

saudável era visível durante os treinos e a vontade de competir demonstrada por conversas e pelo empenho colocado nos treinos.

O número de atletas a estarem presentes nos treinos teve ao longo do tempo um aumento contínuo, de frisar que começamos os treinos no mês de outubro com apenas duas atletas, com o passar do tempo, e depois de feito também um trabalho de divulgação do núcleo, mais atletas começaram a aparecer. O número de atletas presente nos treinos de forma contínua rondou precisamente as 14 atletas/alunas. Foi de extrema importância, no sentido de motivar as alunas e para proporcionar o regresso no treino seguinte, os feedbacks positivos e efetivos que dei às alunas no sentido de as motivar e melhorar a sua prática. A visão, missão e os objetivos do Desporto Escolar foram sempre aspetos tidos em consideração. Tendo em conta o grupo que se acabou por criar considero que estes objetivos foram alcançados. As atletas/alunas acabaram o ano letivo com mais conhecimento, mais capacidades e competências sobre o basquetebol. Melhoraram as técnicas fundamentais para a prática do jogo, ficaram a quais as diferentes fases do jogo e ficaram com uma melhor noção da ocupação do espaço nas fases de defesa e de ataque assim como em transições. Demonstraram comportamentos que manifestam valores como a responsabilidade, disciplina, interajuda, espírito competitivo. As atletas/alunas cresceram enquanto atletas da modalidade, mas também enquanto jovens.

5.2. Ações de intervenção

Neste ponto o objetivo foi o de conceber, implementar e avaliar uma ação de intervenção adaptada às características e às necessidades específicas da escola. Nesse sentido desenvolvi uma ação de intervenção individual e uma outra com o meu colega do núcleo de estágio. Primeiramente foi necessário perceber quais as necessidades da escola e dos seus intervenientes e encontrar as soluções adequadas às necessidades ou lacunas encontradas. Conversas com diferentes elementos da comunidade escolar, mais concretamente com os elementos do grupo de EF, e o conhecimento de projetos realizados em anos anteriores para esta finalidade elucidou-nos e encaminhou-nos para o desejo que concretizar as ações de intervenção. Relativamente às ações de intervenção individuais, de basquetebol, a grande motivação partiu por verificar a lacuna em relação ao conhecimento e prática desta modalidade numa escola que está culturalmente “dominada” pelo Andebol e Badminton. Em relação à ação de intervenção, calendarizada, organizada, implementada e avaliada pelo núcleo de estágio, foi ao encontro de atividades de

exploração da natureza, de queremos organizar esta atividade fora da escola, pois normalmente a sua organização fica limitada aos espaços confinados do interior da escola.

5.2.1. Ação de intervenção - Basquetebol

Promovi uma ação de intervenção e de divulgação da modalidade, que tinha como objetivo o contato, de atletas dos núcleos do desporto escolar de basquetebol e de todos os alunos da escola, com atletas de alta competição de basquetebol. Estas atletas estão enquadradas no projeto da Federação Portuguesa de Basquetebol no Centro de Treino de Alto Rendimento do Jamor. Nesta manhã (das 10h às 12h30 do dia 19 de março de 2019) os alunos da escola puderam assistir a uma pequena demonstração e ainda puderam interagir com estas atletas. Tendo em conta que a escola apresenta desde há muitos anos uma cultura desportiva virada para a modalidade do andebol, foi importante promover este contato dos alunos com outra atividade desportiva.

Também enquadrada como ação de intervenção a realizar na escola/agrupamento de acordo com as características da mesma, todas as semanas às terças feiras (das 8h às 9h) participei conjuntamente com uma outra professora do grupo de EF do agrupamento, e inserido no Desporto Escolar, em treinos de basquetebol a alunos do 1º ciclo numa escola primária pertencente ao agrupamento. Cerca de 32 alunos presentes nestes treinos que existem essencialmente para fomentar e desenvolver a prática do basquetebol em alunos do 1º ciclo. A minha participação nesta ação permitiu relembrar e desenvolver os meus conhecimentos sobre a modalidade para estas idades, no sentido em que os planeamentos do treino têm de ser ajustados com conteúdos e exercícios que promovam o interesse e empenho a motivação e o desenvolvimento na modalidade.

5.2.2. Ação de Intervenção - Exploração da Natureza

O núcleo de estágio promoveu uma ação de intervenção conjunta. A atividade foi pensada tendo em conta as lacunas ao nível dos recursos da escola (a falta de material e espaço), e ainda a sua pertinência pedagógica para os alunos. As atividades de exploração da natureza são atividades, na maioria dos casos, pouco abordadas no interior das escolas. O principal motivo para isso acontecer acreditamos que seja o facto de as escolas serem espaços confinados, onde apesar de se conseguir organizar atividades de orientação, por exemplo, os limites acabam por ser barreiras para um maior e melhor desenvolvimentos destas atividades. Pela análise do projeto curricular de EF do agrupamento, bem como dos PNEF, o núcleo de estágio entendeu que estas atividades deveriam ser abordadas tendo

em conta as características e necessidades pedagógicas da escola. Neste sentido o núcleo de estágio decidiu optar por organizar atividades inseridas na área das atividades de exploração da natureza, conforme descrito nos PNEF e caracteriza-se pela prática de atividades de aventura e exploração da natureza tendo como base um percurso de Orientação. O principal objetivo desta modalidade é o desenvolvimento de provas de aventura entendidas como uma atividade desportiva que promove o trabalho em equipa. Estas provas devem preferencialmente realizar-se ao ar livre pelo que é fundamental respeitar e preservar o meio ambiente (DGE, 2014-2017). O núcleo de estágio teve assim de calendarizar, organizar, implementar e avaliar a ação de intervenção. Foi assim organizado um dia de atividades ao ar livre no âmbito da matéria de exploração da natureza – orientação e arborismo. As nossas turmas e a turma profissional de desporto foram a população alvo. No dia 17 de maio, estas turmas participaram numa prova de orientação totalmente organizada pelo núcleo de estágio e ainda numa atividade de percurso de arborismo, organizada e ministrada por monitores especializados da empresa *AdventurePark*. Foram executadas tarefas de planeamento prévio (pré-contactos com parceiros), estratégias para angariação de fundos para que o valor necessário para a ida e participação nas atividades não fosse impedimento ou motivo de falta por parte dos alunos, a planificação de todo o dia e ainda a preparação da atividade de orientação. Pretendíamos que atividade tivesse também uma vertente multidisciplinar, envolver professores de outras disciplinas na atividade de orientação na construção de perguntas sobre as matérias que lecionam. Contactámos os professores, presencialmente e via eletrónica, no sentido de nos enviarem uma ou duas perguntas da disciplina que lecionam para as podermos incluir na prova de orientação. Esta participação verificou-se pouco efetiva, apenas dois professores corresponderam ao nosso pedido. Assim o envolvimento que pretendíamos para este trabalho multidisciplinar foi reduzido, e poderia ter sido colmatado com mais persistência e o pedido de participação a mais professores.

O núcleo de estágio fez uma avaliação interna do modo como decorreram as atividades, da organização e do grau de satisfação dos participantes. A avaliação do grau de satisfação dos alunos participantes foi feita através de conversas informais e preenchimento de um pequeno questionário. Conseguimos aferir, pela média de respostas ao questionário e pelo entusiasmo que alunos participantes manifestaram quando falamos sobre as atividades um grau de satisfação elevado. Relativamente às atividades desenvolvidas e os objetivos pedagógicos e curriculares pretendidos foram alcançados, tendo em conta a prestação dos alunos nos locais das atividades, e ao conhecimento que adquiriram pela resposta a questões colocadas.

A organização da atividade de orientação acabou por ficar comprometida relativamente à incerteza da presença dos alunos da turma do curso de desporto e por esse motivo tivemos de organizar a prova de orientação tendo em conta dois cenários possíveis: a presença ou não destes alunos. A multidisciplinaridade que pretendíamos, para a elaboração de questões, não foi conseguida na totalidade, verificámos uma fraca participação dos professores. A atividade de arborismo foi organizada e desenvolvida por monitores especializados, por isso o núcleo de estágio teve pouca interferência. A nossa presença nesta atividade visava assegurar as condições de segurança e bem-estar dos alunos, o registo digital (fotográfico e vídeo) da prática dos alunos.

A população alvo acabou por ser menor do que o planeado. Contávamos com a presença e colaboração de alunos do curso de desporto que acabou por não se verificar.

Relativamente às estratégias a desenvolver para minimizar o valor total da atividade, constatei que relativamente à minha turma, que a maioria dos alunos da turma pagaram a totalidade do valor da visita sem fazerem uso da estratégia de angariação de fundos (venda de rifas). Concluo esta estratégia de minimização de custos acabou por não ter influência na participação dos alunos.

De uma maneira geral o balanço final deste dia de atividades foi positivo. O planeamento prévio foi relativo ao dia das atividades foi cumprido. No entanto o processo desenvolvimento da atividade de orientação sofreu algumas alterações e o núcleo de estágio teve de preparar antecipadamente dois cenários que só no próprio dia saberíamos qual iríamos usar. A concretização das atividades na orientação estavam dependentes da ida de alunos do curso de desporto. Verificaram-se constrangimentos na ida destes alunos, o principal foi o facto de a professora de desporto da turma ter ficado de baixa médica, o que nos fez perder um pouco o controlo sobre o envolvimento destes alunos. No entanto fomos várias vezes ao encontro destes alunos para os envolver e explicar a importância destas atividades também para eles. Estes alunos não foram consistentes nas suas atitudes, mudando com o passar do tempo de opinião em relação participação ou não neste dia. O fraco envolvimento dos professores de outras disciplinas obrigou-nos a pensar em estratégias, para colmatar a carência de perguntas, a pesquisa autónoma acabou por minimizar este problema. Podíamos, no entanto, ter insistido mais e aproveitado momentos de reunião para os sensibilizar ainda mais para a importância da sua participação. Com o avançar do tempo e as incertezas verificadas relativamente aos alunos do curso de desporto, tivemos de antecipar e planejar outro cenário para o caso de estes não participarem, assim a execução de atividades na atividade de orientação apesar de

estarem pensadas e organizadas acabaram por não ser executadas por não termos meios físicos para as pôr em prática.

5.3. Atividades Internas

Para além do núcleo de desporto escolar e dos projetos de intervenção, a minha participação na escola também passou pela participação na organização de atividades internas (Corta-Mato, MegaSprint e MegaSalto) e de torneios escolares das diferentes modalidades (basquetebol, badminton, andebol e voleibol). O grupo de EF da escola já tinha a preparação e organização destas atividades documentada, de anos anteriores, e nesse sentido a minha participação restringiu-se à ajuda na organização do próprio dia. O grupo de EF, já tinha as suas dinâmicas de trabalho que foram sendo desenvolvidas e melhoradas com o passar do tempo, no entanto a minha envolvimento com o grupo permitiu-me, em alguns momentos, fazer pequenas sugestões de organização assim como ter uma voz ativa junto dos alunos participantes.

6. Relações com a comunidade

O diretor de turma exerce na escola uma função muito valiosa. É um docente, para que nas funções de DT deve ser um mediador de conflitos em relação a toda a comunidade escolar, e ainda acumula diversas funções burocráticas necessitando de as desenvolver através de técnicas específicas, capacidades para o exercício de todas as tarefas de coordenação que executa. Este docente mais do que conhecedor da legislação e as funções que dela decorrem, deve ter uma visão integradora de todos os recursos da escola e da comunidade educativa (Boavista & Sousa, 2013).

Deve ser um elemento respeitado e respeitador, com competências pessoais bastante demarcadas que possibilitem estabelecer a relação entre a escola e os pais, bem como unir os professores da turma envolta de objetivos gerais. Deve, também, interpretar e conhecer os seus alunos, tentando responder às necessidades emergentes dos mesmos (Clemente & Mendes, 2013).

Um dos objetivos específicos descrito no guia de estágio para esta área seria o de identificar as principais características de uma turma, destacando as suas particularidades, e a partir do seu conhecimento que implicações isso teria na minha intervenção para com a turma assim como no âmbito da direção de turma e da atividade letiva. A fim de atingir este objetivo tentei em vários momentos recolher informação relativa à turma em conversas informais, tentando perceber as relações que os alunos têm dentro da turma, a sua agenda social face à escola (como o aluno vê a escola), os seus hábitos e interesses em relação a estilos de vida ativos, entre outras informações. De uma maneira geral constatei que a turma possui alguns subgrupos, no entanto sem que isso interferisse com a prestação escolar, a maior parte deles não apresentava estilos de vida ativos, e a sua preocupação principal era o percurso e sucesso escolar. Para além disso, em momentos formais, numa primeira fase, apliquei uma ficha de caracterização individual do aluno para conhecer melhor cada um dos alunos (ficha de caracterização existente no programa INOVAR, usado pelo agrupamento, com mais algumas questões que acrescentei por achar pertinente) e, numa segunda fase, apliquei um teste sociométrico de modo a perceber quais as relações que os alunos estabeleciam entre si para situações de domínio social, académico e desportivo. Nunca tinha aplicado este tipo de teste, nesse sentido tive de pesquisar o modo de aplicação, os seus objetivos e modo como proceder à análise dos dados. Estes dois instrumentos serviram para a construção do estudo de turma, estudo esse que me permitiu obter um conhecimento mais aprofundado dos alunos facilitando-me, muitas vezes, no meu planeamento e principalmente na construção dos grupos de trabalho. Apresentei ao conselho de turma as conclusões deste estudo, com todos os dados recolhidos e com o

objetivo de todos os professores da turma ficarem a conhecer melhor os alunos e as suas dinâmicas, para assim ajudar na construção e estruturação das aulas.

Quanto ao acompanhamento na direção de turma, a minha postura foi sempre bastante pró-ativa, mostrando vontade de trabalhar e aprender todas as tarefas inerentes ao cargo. Sempre demonstrei bastante curiosidade e interesse relativamente às questões inerentes ao papel do diretor de turma na relação com os alunos, pais e restantes professores do conselho de turma. Relativamente aos objetivos gerais para esta função: o desenvolver competências que lhe permitam compreender a importância da relação escola-meio e promover iniciativas de abertura da escola à participação na e da comunidade; desenvolver competências de conceção e utilização de processos de caracterização e acompanhamento pedagógico do grupo-turma; manifestar a capacidade de cooperação com os seus pares, num clima de cordialidade e respeito, de interajuda e sentido crítico, manifestando responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade, acompanhei e auxiliei o trabalho da diretora de turma ao nível da preparação, condução e secretariado de reuniões de conselho de turma e de reuniões com os encarregados de educação, entre outras tarefas que se considerem importantes ao seu desenvolvimento e formação profissional. Existem um conjunto de objetivos importantes para desenvolvimento e formação profissional do professor estagiário, que penso ter concretizado relativamente a esta área. Sendo eles: conhecer a legislação que identifica e orienta as competências de um diretor de turma; familiarizar-me com o cargo, para ficar a conhecer melhor as particularidades das funções do diretor de turma e desempenhá-las da melhor forma em situações futuras; estabelecer um clima positivo, de diálogo com os alunos da turma.; elaborar o estudo de turma e apresenta-lo em conselho de turma, com o intuito de identificar as características, particularidades e relações existentes entre os alunos, de modo a intervir eficazmente e garantir a melhoria do processo ensino-aprendizagem; conhecer bem os alunos, permitindo-me proceder ao despiste atempado de alunos que precisavam de apoio ou acompanhamento específicos; promover a integração de todos os alunos na turma, e desenvolver competências que os ajudem na resolução de problemas pessoais, escolares ou outros; adquirir capacidades e competências para contactar com os pais/encarregados de educação participando ativamente nas reuniões a eles destinadas, bem como no seu horário de atendimento; estar presente em todas as sessões de atendimento aos encarregados de educação assim como em todas as reuniões de encarregados de educação.

Tive a oportunidade de presidir sozinha a reunião de encarregados de educação do 2º período; e fiquei a conhecer os procedimentos formais das reuniões do conselho de turma.

Não tive a oportunidade de dirigir uma reunião de conselho de turma, mas estive presente em todas e fiquei a conhecer os procedimentos que nelas se fazem; Apesar de a turma não ter apresentado problemas graves, ajudei o conselho de turma a definir estratégias orientadas para a resolução de problemas; Acompanhei a organização do dossier de turma; Auxiliei a diretora de turma nas tarefas organizativas, como o levantamento e justificação das faltas e redação das atas das reuniões com os encarregados de educação.

Algumas das tarefas descritas acima tinham uma incidência mais pontual. Semanalmente as tarefas que exerci foram ao nível de organização do dossier de turma, onde se anexa as declarações de justificações de faltas, fotocópias das avaliações de final de período e avaliações intercalares, atas de reuniões e registo de presenças dos encarregados de educação no horário de atendimento e ainda as comunicações aos encarregados de educação. Outra das tarefas realizada semanalmente foi o de trabalho no programa informático usado pela escola, o INOVAR. Fosse a justificação de faltas, o envio via mail de comunicações aos encarregados de educação, assumo que fiquei com um conhecimento bastante aprofundado sobre todas as funcionalidades deste programa. A Diretora de Turma teve o cuidado de me ensinar e também me deu total acesso para poder realizar todo o trabalho neste programa.

Durante todo o ano letivo tive a oportunidade de ajudar na realização de atas, na organização de reuniões de conselho de turma, na justificação de faltas e nas comunicações de excedência do limite de faltas para os encarregados de educação. Particpei em todas as reuniões de encarregados de educação realizadas, assim como nas sessões de horário de atendimento aos encarregados de educação, ficando assim mais consciente dos temas e como devem ser abordados. As reuniões com os encarregados de educação são momentos importantes de partilha e comunicação de informação importante para o desenvolvimento e sucesso escolar dos alunos, no entanto registou-se uma média de 5 presenças de EE nas reuniões do 1º e 2º períodos, apenas na do 3º período registou-se a presença de 8 EE. Estas reuniões realizam-se no final de cada período letivo, e tem como principais objetivos: fazer o balanço do aproveitamento escolar dos alunos da turma, a entrega das fichas de avaliação individual e ainda o balanço das atividades realizadas durante o período.

O trabalho cooperativo e colaborativo efetuado com a diretora de turma do 11ºB foi ao longo do tempo muito proveitoso e produtivo. E na sequência desse trabalho surgiu uma relação de confiança que me permitiu ter esta oportunidade e responsabilidade: a de dirigir sozinha uma reunião com os encarregados de educação.

Foi necessário ser feito um trabalho de preparação para esta reunião: antes da reunião, durante a reunião e após a reunião. Tendo em conta que estive presente em todas as reuniões anteriores de encarregados de educação fiz todos os procedimentos preparatórios para a reunião, reuni toda a documentação necessária para entregar aos encarregados de educação e segui a estrutura da reunião sugerida no guião.

Ter tido esta oportunidade foi muito importante na minha formação relativamente a esta área inerente à função de DT. Durante a reunião manifestei sempre uma postura calma sempre recetiva a questões que os encarregados de educação colocassem. Usei uma linguagem clara e direta, de forma a ser compreendida. Deixei os encarregados de educação à vontade para colocarem as questões que achassem pertinente.

A relação estabelecida com os encarregados de educação foi bastante presente e ativa. Estive presente e tive participação ativa em todas as reuniões de encarregados de educação, assim como nas reuniões individuais no horário de atendimento. Consegui ficar a conhecer quais as preocupações que os encarregados de educação manifestam relativamente ao percurso académico dos seus educandos, qual e como deve ser transmitida a informação pela DT nestas reuniões (comportamento, assiduidade, pontualidade e aproveitamento da turma).

Tendo em conta que o DT é uma peça fundamental na relação interna entre o grupo turma e o grupo professores bem como na relação externa que estabelece com os encarregados de educação (Boavista & Sousa, 2013) considero que estabeleci estas relações e fiquei a conhecer estas dinâmicas tão importantes para o percurso escolar do aluno.

Em relação à turma estive sempre atenta às suas dinâmicas. Problemas disciplinares não existiram, a turma sempre teve um comportamento exemplar e não foi necessária qualquer intervenção nesse sentido. Surgiu relativamente a uma aluna algumas dificuldades de integração na turma. Esta aluna apenas frequentava a turma na disciplina de Educação Física e foi necessário fazer algum trabalho de integração para que esta se sentisse inserida e integrada. As estratégias adotadas foram, a de conversar com a aluna e com os restantes alunos no sentido melhorar a situação, e a preocupação na constituição dos grupos de trabalho. Tentei estabelecer uma relação de abertura para com os alunos, com base numa comunicação fluída e constante.

Fui bem recebida por todos os elementos do conselho de turma. Sempre me senti à vontade para participar na discussão e troca de ideias sobre a turma o que me deixou mais à vontade para participar ativamente nas reuniões. Não tive a oportunidade de dirigir nenhuma destas reuniões, no entanto ajudei na realização das atas e participei na

discussão relativa às classificações individuais de cada disciplina assim como na discussão do comportamento e empenho dos alunos.

Registo que existiu uma excelente relação com a professora que acompanhei na direção de turma. Debates muitos assuntos e sempre com uma grande receptividade por parte da professora para esclarecer dúvidas que foram surgindo. Ajudou-me a ficar com uma noção mais clara das funções de gestor e conselheiro que o DT deve assumir. Constatei também que a DT apresentava muitas características pessoais que estes docentes devem ter para conseguirem exercer estas funções. A responsabilidade, a preocupação e empatia que tinha com os alunos, sem perder a sua firmeza e liderança. A sua capacidade de organização, e assertividade e o uso de uma comunicação clara e direta foram algumas das características que registei e que achei tão importantes no desempenho desta função durante o ano letivo. O chamado perfil humano é também muito importante para o exercício destas funções e os diretores escolares deveriam tê-lo em consideração quando os nomeiam para além das competências de um professor (Boavista & Sousa, 2013).

7. Conclusão

Já tenho alguma experiência com jovens no seu processo de aprendizagem, no entanto devo assumir que durante este ano, de estágio pedagógico, vivi experiências únicas que em muito contribuíram para a minha formação. O processo de aprendizagem deve ser um processo contínuo e sem fim e por acreditar nisso dei continuidade à minha formação e não pretendo que pare por agora. O professor deve assumir uma postura competente, inovadora e atualizada, o seu processo de formação, de aprendizagem deve ser um processo sem fim.

Um professor competente é na minha opinião muito mais do que um conhecedor da matéria. Um professor competente deve associar isso à capacidade de transmitir esse conhecimento aos seus alunos, deve ser um exemplo para os alunos e deve conseguir ajudá-los, apoiá-los e guiá-los nas suas aprendizagens para que estes façam o seu percurso académico com as ambições para o futuro.

A experiência e sabedoria dos professores orientadores foram muito importantes neste processo. A ajuda e orientação foi preciosa em momentos de maiores dificuldades neste percurso não desconhecido para mim, mas bastante diferente do que conhecia.

Este ano foi repleto de experiências e novidades, no qual tive a oportunidade de ficar a conhecer as várias funções que o professor assume. O primeiro contato com a realidade de uma escola de grandes dimensões, com alunos de vários níveis de ensino (2º e 3º ciclos e secundário). Os estudos dos documentos orientadores da escola permitiram-me ficar a conhecer um pouco desta realidade, dos seus alunos das suas normas e regras de funcionamento.

No que diz respeito ao ensino propriamente dito, e tendo em conta a minha experiência no treino e em AEC, senti que estava inserida num contexto diferente, desde logo porque o ano de escolaridade a lecionar seria de secundário. Nesse sentido, tive de adaptar a minha intervenção tendo em conta esta realidade. Não senti dificuldades no contato com os alunos e no processo de comunicação com estes. Não senti grandes dificuldades na condução da aula e na gestão do tempo. No entanto tive de melhorar ao longo do ano o meu posicionamento na aula perante os alunos, o controlo à distância e o *feedback* equitativo para todos. O planeamento de aulas, e unidades de ensino foi o aspeto que mais dificuldades senti. O planeamento da aula seguia sempre a mesma estrutura, com uma fase de aquecimento geral, outra fase de aquecimento específico, a parte principal e o retorno à calma. O facto de a aula ter uma duração global de apenas 50 minutos foi limitativo no planeamento da mesma. A aula tinha, normalmente, apenas 35 minutos de

tempo útil, uma vez que tínhamos de dar os restantes minutos aos alunos para se vestirem. A parte do balanço final das aulas saiu prejudicado pela falta de tempo, e porque nem sempre o conseguia fazer. A fase de exercícios específicos para grupos de trabalho deveria ter um tempo de execução efetiva superior para que as aprendizagens dos alunos fossem consolidadas.

O meu colega de estágio assim como outros professores do grupo de EF tiveram um papel importante nesta área. A troca de ideias, as suas opiniões sobre os métodos e estratégias que fui adotando foram importantes para a minha aprendizagem neste processo de formação. A observação de aulas e notas que fui tirando sobre os métodos e opções de cada um também contribuíram em muito neste processo de aprendizagem e formação.

A experiência da semana a tempo inteiro foi muito enriquecedora. Durante uma semana assumi o papel de um professor a tempo inteiro, com horas de lecionação, horas do DE e ainda de direção de turma. Foi importante perceber o que uma carga horária de 22 horas semanais acarreta e quais as estratégias a nível de planeamento poderemos adotar para melhor gerir o nosso tempo. Tive a preocupação de “escolher” turmas do 2º e 3º ciclos para ficar com um conhecimento mais vasto e ficar com uma melhor noção do ensino da disciplina nestes níveis de ensino.

O estudo desenvolvido no âmbito na área de investigação e inovação pedagógica permitiu-me aprofundar o tema da indisciplina, as causas e as possíveis consequências que dela podem advir no processo de aprendizagem dos alunos. O núcleo de estágio tentou alertar para esta problemática e deixar sugestões de estratégias aos professores para a minimizar assim como sugestões para estudos futuros.

Relativamente à área de participação na escola fiquei a conhecer os procedimentos de logística (na plataforma do DE) de um núcleo de DE. Planeei e conduzi todo o processo de treino e orientei a equipa nos encontros. Planeei e organizei ações de intervenção de basquetebol, no sentido de divulgar e promover a modalidade numa escola culturalmente mais “voltada” para o andebol. Em conjunto com o meu colega de estágio organizamos uma ação de intervenção que permitiu aos alunos preencher uma lacuna na matéria de exploração da natureza que o limite da escola nos restringe.

A interação com a comunidade escolar é muito importante. A experiência de acompanhar uma diretora de turma foi muito importante e enriquecedora para ficar a conhecer as funções que desempenha. Apesar de ter tido uma participação muito ativa neste papel não

considero que tenha ficado uma entendida ou conhecedora profunda nestas funções, penso que só o tempo e as vivências nestas funções poderão colmatar as dificuldades.

Por tudo referenciado ao longo deste documento este ano, o estágio pedagógico, foi muito importante e essencial na minha formação profissional e pessoal. Obrigou-me ao estudo dos conteúdos programáticos de matérias com mais dificuldades, ampliei o meu conhecimento relativamente aos diversos aspetos da lecionação, aumentou a minha capacidade reflexiva e de atuação na aula que são competências essenciais para o desenvolvimento de ensino-aprendizagem. Adquiri conhecimentos sobre as funções de um DT, dirigi um núcleo de DE, participei ativamente na vida da escola e na vida escolar dos alunos.

O caminho faz-se caminhando. Concluo esta etapa da minha formação, sabendo que muito há para melhorar e crescer, mas com a satisfação de a ter terminado mais rica de conhecimento e de experiências do que quando a iniciei.

8. Referências Bibliográficas

- Amado, J. (2010). *Da indisciplina escolar ao cyberbullying*. Universidade de Coimbra.
- Amado, J., & Freire, I. (2008). *Uma visão holística da(s) indisciplina(s) na escola*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica.
- Amado, J., & Freire, I. (2009). *A(s) indisciplina(s) na escola – Compreender para prevenir*. Coimbra.: Almedina
- Araújo, F. & Diniz, J. (2015). Hoje, do que falamos quando falamos de avaliação formativa? *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, pp. 41-52.
- Boavista, C., & Sousa, O (2013). O Diretor de Turma: Perfil e Competências. *Revista Lusófona de Educação*, 23, 77-93.
- Caires, S. (2002). *Vivências e percepções do estágio pedagógico: a perspetiva dos estagiários da Universidade do Minho*. (Dissertação de Doutoramento). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Braga.
- Clemente, F., Mendes, R. (2013). Perfil de Liderança do Diretor de Turma e Problemáticas Associadas. *EXEDRA*, (7), 70–85
- Cunha, A. (2010). Representação do “bom” professor: o “bom” professor em geral e o “bom” professor de educação física em particular. *Educação Em Revista*, 11(2), 41–52.
- Direção Geral da Educação (2017) – *Programa do Desporto Escolar 2017-2021*. Lisboa
- Direção Geral da Educação (Revisto a setembro de 2016) - *Regulamento Específico Multiactividades de Ar Livre 2014-2017*. Lisboa
- Forselledo, A. (2010). *Introducción a la sociometría y sus aplicaciones*. Montevideo: Uneso.
- Gomes, P., Queirós, P., Batista, P. (2014). A socialização antecipatória para a profissão docente: Estudo com estudantes de Educação Física. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 28, 167-192.
- Leite, T. (2010). *Planeamento e conceção da ação de ensinar*. Situações de Formação. 59. Aveiro: Universidade de Aveiro. - Livro

Martins, M. (2014). *Autoeficácia e qualidade de ensino em professores estagiários de educação física e desporto escolar*. (Dissertação de Doutoramento). Lisboa: Universidade de Lisboa.

Ministério da educação. (2001). *Programa Nacional de Educação Física: secundário*. Lisboa.

Ministério da educação. (2001b). *Organização Curricular e Programas*. Lisboa

Shulman, L. (1987). *Knowledge and teaching: foundations of a new reform*. Harvard Education Review, 51, pp.1-22.

Sousa, S. A. M. de. (2012). *A problemática da (In)disciplina em sala de aula: o papel do professor na sua (des)construção*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Teixeira & Onofre (2009). Dificuldades dos professores estagiários de educação física no ensino. Sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico. X Symposium Internacional Sobre el Practicum Y las Prácticas en Empresas en la Formacion Universitária (pp. 1159-1170) AIDU, Universidades de Santiago Compostela.

8.1. Documentação consultada

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro: Projeto Educativo 2014-2018

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro: Plano de Melhoria TEIP e Ação Estratégica.

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro: Projeto Curricular de Educação Física 2017-2018.

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro: Regulamento interno de Educação Física, 2017-2018.

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro: Critérios de Avaliação - Secundário

Faculdade de Motricidade Humana. (2019). Guia de Estágio Pedagógico. 2018-2019

8.2. Software

GroupDynamics (Versão 1.0.1). 2012